

O papel da pesquisa tipológica sociolingüística em projetos de educação, vitalização de língua e cultura: primeiros relatos sociolingüísticos do grupo indígena Avá-Canoeiro de Minaçu/Goiás/BRASIL¹

Silvia Lucia Bigonjal Braggio

<silvialbb@terra.com.br>

Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil

Resumen

La acelerada desaparición de lenguas amerindias a lo largo de la historia, sobre todo en las tres últimas décadas, ha llevado a lingüistas de todo el mundo no solamente a llamar la atención sobre este fenómeno, sino también a defender el uso de encuestas sociolingüísticas que puedan decir cuándo una lengua está muriendo; además, se han creado *tipologías sociolingüísticas* que apuntan vías para evitar la pérdida de las lenguas amenazadas y revitalizarlas. Este artículo presenta: (i) las razones para la conservación de esas lenguas; (ii) las causas de su desaparición y (iii) las tipologías que fundamentan el estudio con los indígenas Avá-Canoeiro de Minaçu, Goiás, Brasil, llevado a cabo en febrero y agosto de 2002. Para ello se traza un esbozo del contacto del grupo con la sociedad dominante a fin de comprender la situación sociolingüística del grupo hasta este momento. Se describen eventos de habla, de tipo interpersonal, que presentan *alternancia de lenguas (codeswitching)*, pues este aspecto del uso de la lengua en comunidades bilingües muestra si la lengua nativa está siendo desplazada o no. Aun siendo un primer acercamiento sociolingüístico, se apuntan hechos importantes que están dando apoyo a un programa de educación escolar en la comunidad.

Palabras clave: Pérdida y extinción de lenguas indígenas, tipologías sociolingüísticas, educación escolar.

1. Esse artigo faz parte do *Projeto Avá-Canoeiro. Proposta de Educação: vitalização de língua e cultura*, um convênio FURNAS/FUNAI/FUNAPE, com realização científica de equipe do Museu Antropológico da UFG, Faculdade de Letras e Faculdade de Ciências Sociais, do qual sou coordenadora, pesquisadora e professora. Foi apresentado na 54a. Reunião da SBPC, em Goiânia, 2002, dentro da ABRALIN, em mesa por mim coordenada e composta por duas outras pesquisadoras da equipe do projeto: Mônica Veloso Borges e Rosani Moreira Leitão. Dedico esse artigo ao grupo Avá-Canoeiro de Minaçu pela sua força em permanecer vivo, diferente, singular, apesar do enorme sofrimento que este mundo Brasil, tem-lhe causado.

Abstract

All over the world the accelerated death of minority languages, mainly the indigenous ones, has been calling the attention of linguists who have been assuming the need not only of sociolinguistic studies but also of new sociolinguistic typologies as a way of bringing forth programs of (re)vitalization of those endangered languages. This article presents the reasons for the maintenance of those languages and those related to their loss, the up to date sociolinguistic typologies as well as a preliminary report, which was done in February and August of 2002, on the sociolinguistic situation of the Avá-Canoeiro indigenous people who are living at the Terra Indígena Avá-Canoeiro, in the state of Goiás, Brazil. In order to correctly apply the typology chosen for this study, the historical contact of the group with the whites is showed giving support to the analysis of codeswitching among the Avá themselves and the whites living in the area. It is assumed by this author that codeswitching studies can be seen as a good tool to show how «safe» the native language is and to give support to the linguistic and educational actions among those people.

Key Words: Loss and extinction of indigenous languages, sociolinguistic typologies, school education.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Lingüistas dedicados ao problema das línguas minoritárias em perigo de extinção apontam não só vários argumentos a fim de que essas línguas não desapareçam e as razões que as levam ao desaparecimento, como têm contribuído sobremaneira no estabelecimento de pesquisas lingüísticas, como também sociolingüísticas e, mais recentemente, de tipologias sociolingüísticas que têm dado subsídios para programas de (re)afirmação ou de (re)vitalização dessas línguas, auxiliando a sobrevivência das pessoas que as falam, como povos culturalmente únicos e singulares. Obviamente, uma pesquisa sociolingüística por si mesma não é capaz de reverter uma situação de perda. São necessários outros instrumentos e ações, de preferência, equipe de pesquisadores, indigenistas e outros trabalhadores que, com os povos indígenas, os verdadeiros atores nesse processo, enfrentem a difícil tarefa de manter ou resgatar seus bens mais vitais. Relatos de programas de revitalização que estão conseguindo resgatar línguas quase mortas se enquadram nessa afirmação (Hinton e Hale, 2001; Fishman, 2001). Todavia, todos eles não prescindem de pesquisas sociolingüísticas, pois elas não só têm mostrado o significado dessas línguas e as razões de sua perda, como apontado caminhos para a sua vitalização ou seu resgate.

Os argumentos mostrando a significação da perda dessas línguas são contundentes: (i) a constatação dessas línguas como espécies humanas, as quais, uma vez perdidas levam com elas a diversidade cultural e intelectual da humanidade (Hale, 1992; Krauss, 1992, 1996); (ii) o rompimento da transmissão da herança cultural que se dá principalmente através da língua (Crystal, 2000); (iii) a perda de um melhor entendimento da capacidade humana de produzir línguas (Rodrigues, 2000); (iv) a eliminação da complexidade lingüística, juntamente com o que é culturalmente distintivo, único e singular para cada povo (Nettle e Romaine, 2000; Dorian, 1989); (v) a perda das chaves para a sobrevivência

psicológica, social e física, pois a língua é forte marca de identidade cultural (Reyhner, 1996) e, o argumento talvez mais forte, (vi) o de que a perda de uma língua significa a «morte» de um povo (Albó, 1988, 1999), ou seja, a morte do «espírito» de um povo. As razões apontadas para o desaparecimento e extinção das línguas minoritárias também são várias e atuam de formas diferentes para os diversos povos. Essas razões nos interessam sobremaneira, pois é preciso identificá-las nos projetos de (re)vitalização, já que muitas vezes o que aparece na superfície de uma dada situação sociolingüística pode ser apenas a ponta de um *iceberg* que se ancora em raízes mais profundas, oriundas do contexto socioeconômico, político, ideológico e histórico, que levam uma língua à sua extinção e morte. É nesse sentido que venho afirmando que as línguas são marcadoras sensíveis de mudanças sociais, culturais e no ecossistema (Braggio, 1992, 1995, 1997). Muitas vezes, por se acreditar, à primeira vista, em uma situação de bilingüismo aparentemente estável em uma dada comunidade, deixamos de perceber a real situação de conflito diglósico (Hamel, 1988), na qual a língua majoritária, geralmente a oficial, vai deslocando a língua minoritária. Ou seja, uma comunidade monolíngüe em sua língua nativa, passa a bilíngüe (em tipos variados que vão se aprofundando) e, finalmente, a monolíngüe na língua majoritária. As razões que levam a essa situação são discutidas a seguir e como já afirmei anteriormente, atuam de formas diferentes em cada comunidade. O foco, a partir desse ponto, recai sobre as línguas indígenas, em especial as brasileiras.

A primeira razão apontada para o desaparecimento de uma língua é a extinção de seu povo. Isso aconteceu de forma drástica para os povos indígenas das Américas durante o período da *colonização*. Nesse cenário, seus povos foram erradicados pela destruição de seu habitat, pela fome, pelas doenças trazidas pelos europeus e pela escravização, pois «as redes sociais que dão suporte às pessoas deixam de existir» (Nettle e Romaine, 2000:90). No caso do Brasil estima-se que havia aqui nessa época por volta de 1.175 línguas faladas por 6.000.000 de indígenas de várias etnias (Rodrigues, 1993a). Temos hoje de 160 a 180 línguas indígenas e 216 etnias, sendo que 12 dessas etnias estão em perigo de extinção (Ricardo, 2001). A configuração da distribuição geográfica e demográfica das línguas indígenas no Brasil hoje, em parte, foi gerada nessa época (e continua sob constante ameaça dada a omissão do Estado às terras habitadas pelos povos indígenas). As regiões mais despovoadas de povos indígenas são exatamente aquelas que sofreram mais com o processo de colonização. A região mais povoada por eles é a Região Norte compreendendo o que se convencionou chamar de Amazônia Legal, constituída pelos seguintes estados: Acre, Amazonas, Roraima, Rondônia, Amapá, Pará, Tocantins, Mato Grosso e Maranhão.

Embora haja povos indígenas em quase todos os estados do Brasil e em todas as regiões o número de pessoas por grupo é bastante baixo. Somente sete línguas têm mais de 10.000 pessoas. O número de línguas com menos de 101 pessoas perfaz quase 1/3 do total de línguas. Do ponto de vista de Rodrigues (1993b) estas últimas são as mais ameaçadas de extinção o que é corroborado por Nettle & Romaine (2000: 41) quando afirmam que «embora línguas com pequeno grupo de falantes estejam sobrevivendo, as línguas com

reduzido número de falantes podem desaparecer muito mais rápido do que as que têm maior número de falantes, porque as pequenas comunidades têm menos resistência às forças tecnológicas e socioeconômicas». Dessa forma, *o tamanho do grupo* pode ser um forte fator para o desaparecimento de uma língua indígena.

É óbvio que a extinção de um povo significa a extinção de uma língua. Para os grupos que sobreviveram, outros fatores têm contribuído para a perda de suas línguas. De acordo com Adelaar (1991,1998) uma das razões para muitas línguas indígenas sul-americanas deixarem de existir foi o *avanço das línguas coloniais* em detrimento daquelas. Hare (1999) aponta que as nações colonizadoras levaram suas línguas às mais distantes regiões impondo-as como meio de comunicação obrigatório, causando a destruição das línguas de muitas comunidades indígenas. Também apóiam essa afirmação Cuarón e Lastra (1991) para as línguas indígenas do México e Herzfeld & Lastra (1999) e Calvo (2004) para outras línguas nativas no cone sul nas Américas. No Brasil, para tanto, concorreu a *política assimilacionista/integracionista* que se implantou no país desde aquela época e só mais recentemente, com a Constituição de 1988, abre um espaço de diálogo com os povos indígenas (Coelho dos Santos, 1995). Para a política assimilacionista, as línguas e culturas indígenas eram vistas como obstáculos que deveriam ser eliminados a fim de que o indígena pudesse ser mais facilmente assimilado e, alienado, servir de mão de obra barata. A *educação escolar* para os povos indígenas brasileiros desempenhou um importante papel nesse processo desde a época da colonização, como parte das políticas governamentais para os povos indígenas, no caso das línguas, de «bilingüismo subtrativo». A obrigatoriedade do ensino fundamental em Português *somente* foi, durante muito tempo, desastrosa para os povos indígenas. Outra razão apontada para a perda das línguas é a *globalização* (Krauss, 1996; Ávila, 1999), com seu poder de homogeneizar e tornar igual o que é diferente, de anular a alteridade. Nesse vendaval de mudanças que tem ocorrido no último século inúmeras línguas se perderam e calcula-se que entre vinte e cinquenta por cento das 6.000 línguas faladas no mundo não são mais faladas pelas crianças como sua primeira língua (Krauss, 1996). Oprimidos, pressionados e desprestigiados e sofrendo de forte *preconceito e estigmatização* com relação à sua língua e cultura pela sociedade dominante, os povos indígenas *deixam de passar suas línguas para as próximas gerações*, o que implica na «internalização de estereótipos de que é vítima... [levando] ... a conflitos de identidade e a uma *atitude* negativa com a língua... [culminando] ... no abandono da mesma» (Seki, 1984:7; meu grifo). Está aí instalada uma situação de *diglossia* conflituosa, de contato interétnico de fricção (Cardoso de Oliveira, 1978) com o deslocamento da língua indígena pela língua dominante de prestígio. Nesse processo de perda, a língua vai ficando restrita a alguns falantes, geralmente os das gerações mais velhas. Decorrente desta, ocorre o que Albó denomina *atrofiação* da língua (Albó, 1999). Nesse sentido, todas as áreas da língua são atingidas, pois se acredita que mudanças funcionais nos diferentes domínios sociais (alocamento de uma língua a um determinado domínio social), acarretam mudanças na gramática, na fonologia, na morfologia, no vocabulário, padrões discursivos, estilo

(principalmente os mais formais), havendo uma espécie de simplificação, obsolescência da complexidade da língua (Dorian, 1989), que afasta as gerações mais velhas das mais novas. Isso pode ser observado, por exemplo, na transmissão dos mitos e rituais, domínios sociais aos quais são alocadas as línguas indígenas, que deixados de ser usados, também deixam de passar às gerações mais novas os estilos mais formais da língua. A mudança no ecossistema também tem sido apontada como uma das causadoras de mudanças abruptas nas línguas (diferentes das mudanças naturais que todas as línguas e culturas sofrem, pois nenhuma das duas é estática, congelada), pois uma vez mudado o ambiente muitos conhecimentos sobre fauna, flora, cosmologia etc., podem ser perdidos e como estão intrinsecamente marcados nas línguas, através dos seus sistemas de classificação e categorização, das relações íntimas entre práticas discursivas e práticas culturais, também se perdem. Nesse processo de mudança e deslocamento os *empréstimos* começam a passar massivamente da língua dominante para a indígena sem passar pelo filtro da língua (quando os falantes ou os criam através da própria língua ou os adaptam à sua fonologia e morfologia), acabando por ocasionar *alternâncias de línguas* (no mesmo enunciado ou entre enunciados, intra e interpessoais) que não se justificam a partir das atuais teorias sociolingüísticas, obscurecendo a língua que está sendo falada. Em seus estágios finais a língua que está morrendo começa a utilizar palavras emprestadas que existem em sua própria língua (Nettle e Romaine, 2000).

Portanto, são várias as razões que levam uma língua à sua perda. Essas razões devem ser cuidadosamente observadas nas pesquisas sociolingüísticas. O grau de perigo de extinção de uma língua também deve ser observado através de tipologias que não deixam de considerar essas razões, mas ampliam o conhecimento na área.

2. TIPOLOGIAS E O GRAU DE PERIGO DE UMA LÍNGUA

Como afirmei anteriormente esforços têm sido feitos, nos últimos anos, para tentar interromper o processo de perda e morte das línguas. Uma das contribuições tem sido a da elaboração de tipologias que dêem conta não só de estabelecer o que se entende por morte de uma língua, mas de prever os caminhos que uma língua toma em direção à extinção, já que as línguas estão ameaçadas de formas e em graus/níveis diferentes, e de não se ter uma fórmula mágica de programa de (re)vitalização que sirva para todas as situações. Dada a constatação tipológica, a especificidade de cada situação, também alguns modelos de programas têm sido viabilizados e estão sendo utilizados nas diversas partes do mundo.

2.1 Hale (1998), Fishman (1991), Wurm (1998), Kincaid (1991)

Krauss (1992, 1996), Hinton (2001) etc. Grenoble & Whaley (1998) apresentam uma tipologia que pretende levar em consideração todas as variáveis em suas íntimas

interrelações. Partem da tipologia de Edwards (1992: 37-54) que é a base das expansões do modelo desses autores e as que estou utilizando:

A tipologia de Edwards leva em consideração dois parâmetros: categorias A e B. A categoria A consiste em diferentes perspectivas sob as quais os grupos humanos podem ser caracterizados. A categoria B identifica o escopo sob as quais as variáveis A podem ser aplicadas: falante, língua e contexto. Estes dois parâmetros geram um conjunto de questões específicas. A fim de elucidar o modelo apresentamos as questões:

- 1 Número e concentração de falantes?
- 2 Abrangência da língua?
- 3 Natureza rural-urbana do contexto?
- 4 *Status* socioeconômico dos falantes?
- 5 Grau e tipo de transmissão da língua?
- 6 Natureza de esforços de manutenção e sobrevivência prévios/correntes?
- 7 Capacidades lingüísticas dos falantes?
- 8 Grau de padronização da língua?
- 9 Natureza da migração?
- 10 Atitudes lingüísticas dos falantes?
- 11 Aspectos das relações de identidade de língua?
- 12 Atitudes dos grupos majoritários em relação aos minoritários?
- 13 História e passado do grupo?
- 14 História da língua?
- 15 História da área na qual o grupo vive?
- 16 Direitos e reconhecimento dos falantes?
- 17 Grau e extensão do reconhecimento oficial da língua?
- 18 Grau de autonomia ou «status oficial» da área?
- 19-21 Fatos básicos sobre a geografia?
- 22 Atitudes dos falantes e envolvimento em relação à educação?
- 23 Tipo de suporte da escola para a língua?
- 24 Estado da educação na área?
- 25 Religião dos falantes?
- 26 Tipo e força da associação entre língua e religião?
- 27 Importância da religião na área?
- 28 Economia dos falantes do grupo?
- 29 Associação entre língua(s) e sucesso/mobilidade econômica?
- 30 Riqueza econômica da região?
- 31 Representação do grupo na mídia?
- 32 Representação da língua na mídia?
- 33 Consciência pública geral da área?

Grenoble & Whaley (1998: 30) fazem três adições ao modelo. Incluem letramento já que este «desempenha um papel significante nas comunidades de fala e na relativa vitalidade de línguas ameaçadas». Propõem que as macro-variáveis sejam refinadas a fim

de se fazer uma distinção entre contextos de grandes áreas, contextos nacionais, contextos regionais e contextos locais. Propõem ainda que as variáveis sejam hierarquizadas, colocando o fator econômico como a variável mais alta.

As características fundamentais do modelo proposto pelos autores são: «(1) identifica uma multiplicidade de variáveis que são cruciais para predizer padrões de perda ou manutenção de língua; (2) distingue as variáveis do nível micro (internas à comunidade), das variáveis do nível macro (externas à comunidade); (3) organiza as variáveis em vários níveis: local, regional, nacional e extra-nacional; e (4) hierarquiza a influência de certas variáveis mais que outras».

A preocupação em elaborar uma tipologia que dê conta da situação das línguas é uma das tarefas que Crystal (2000: 93-94) aponta como crucial, ou seja, uma teoria que oriente a descoberta da língua ameaçada e que informe como acessar e diagnosticar tal situação já que, dada a singularidade de cada situação, não é possível um procedimento de intervenção único. Do ponto de vista do autor, a descoberta do fato em si (da língua ameaçada) e o desenvolvimento de uma perspectiva teórica, deveriam ser «os dois lados de uma mesma moeda», i.é. prioridades máximas no trabalho com línguas em perigo de extinção. Dessa forma, para o autor, um dos papéis do linguísta que trabalha com línguas indígenas em perigo de extinção é pesquisar a sua situação sociolinguística. É o que relatamos a seguir com o grupo indígena Avá-Canoeiro de Minaçu, GO.

3. PRIMEIROS ASPECTOS DA PESQUISA SOCIOLINGÜÍSTICA ENTRE OS AVÁ-CANOEIRO DE MINAÇU

A tipologia de Edwards (1992), complementada com a de Grenoble e Whaley (1998), está sendo utilizada na pesquisa com os Avá-Canoeiro de Minaçu, por serem consideradas mais abrangentes que as outras, abarcando macro e micro variáveis. A análise dos dados sociolinguísticos, cenas ou eventos de fala observados, é fundamentada em Hymes (1967, 1974) a partir da noções de competência comunicativa e de etnografia da fala, amplamente conhecidos desde meados dos anos 60, que as cenas/eventos de fala que se tornarem mais salientes serão analisados. O uso das tipologias de Edwards (1992) e Grenoble & Wahley (1998) serão os instrumentos da análise do contato histórico do grupo com a sociedade envolvente, pois são considerados de grande relevância para uma visão mais abrangente do estudo sociolinguístico da comunidade.

Os Avá-Canoeiro pertencem à família linguística Tupi-Guarani (Rodrigues, 1986) um grupo de seis pessoas vivendo na Área Indígena Avá-Canoeiro, no estado de Goiás, com 38.000 hectares, demarcada, mas ainda não homologada e registrada. Os Avá de Minaçu foram contactados em 1983. Além dos Avá de Minaçu há um grupo de 12 pessoas vivendo em outra região, contactados em 1973. Acredita-se que esses 18 indígenas são os últimos remanescentes do povo indígena Avá-Canoeiro. Os resultados dessa pesquisa darão

uma idéia da vitalidade da língua ao mesmo tempo em que fornecerão subsídios para o processo de educação escolar. A pesquisa é do tipo qualitativo (Agar, 1983) que faz uso de observações, gravações, questionários semi-estruturados, filmagens etc.

Esse é o primeiro relato sociolingüístico da minha visita ao grupo em fevereiro e agosto de 2002.

3.1 *O Contato*

Como afirmei anteriormente, o contato dos povos indígenas com os não-indígenas é um fator relevante na sua constituição e sobrevivência física, lingüística e cultural. A história de contato do povo Avá-Canoeiro com os não-indígenas foi, a partir de minhas leituras principalmente de Pedroso (1994), Tosta (1997), Toral (1986), Rocha (1998), Granado (1997, 1998), bastante complexa. Os dados lingüísticos do contato são quase inexistentes, mas há pistas que nos levam a formular algumas hipóteses de trabalho. Há três termos que definem o contato entre os Avá e a sociedade envolvente que dão suporte à atual situação sociolingüística dos Avá de Minaçu: conflito, dispersão e resistência. Vivem no local Matxa, sexo feminino, por volta dos 65 anos; Nakwatxa, sexo feminino, por volta dos 50 anos; Iawi, do sexo masculino, por volta dos 40 anos; Tuia, do sexo feminino por volta dos 32 anos; Trumak, do sexo masculino, com 16 anos e Putdjáwa, feminino, com 14 anos, filhos de Iawi e Tuia. Segundo Pedroso os Avá-Canoeiro habitavam as margens do rio Tocantins e Maranhão. A hipótese mais provável é a de que tenham vindo do norte, subindo o rio Tocantins e estabelecendo-se em seu alto curso. Já antes da época da colonização do Centro-Oeste (século XVIII) estavam estabelecidos às margens desses rios e seus afluentes. Da minha leitura dos mapas de Pedroso pude observar que estavam mais agrupados entre 1760-1798 e bem mais dispersos, entre 1860 e 1889, em pequenos grupos. É importante notar que essa *dispersão* começa a ficar bem visível a partir de 1840, uma estratégia dos Avá para garantir sua sobrevivência física, cultural e autônoma no *conflito* estabelecido com os colonizadores que estavam invadindo suas terras. Em meados do século XVIII os conflitos passaram a ser intensos, mas como afirma Pedroso (1994: 42) os Avá eram «avessos ao contato *não admitindo fala* nem com o colonizador nem com os índios já contatados» (meus grifos), recusando-se terminantemente ao contato pacífico, pelo contrário, atacando os colonizadores; mostrando seu caráter de *resistência*. Considerados, então, como altamente perigosos e como um entrave a tomada da região pelos «brancos», os Avá-Canoeiro foram sendo paulatinamente massacrados e erradicados por bandeiras punitivas com instrumentos de ataque mais poderosos. Quando aprisionados em presídios militares (a partir de 1860) preferiam a morte, o que desconcertava a população de então. Nunca foram aldeados nos termos de Rocha (1998), o que ocorreu com outros povos indígenas da região. Estima-se que eram em número de 5.000 pessoas. Após ataques/massacres que duraram dois séculos, por fazendeiros, mineiros, posseiros, jagunços, por volta de 1960 (portanto, dois séculos), os Avá estavam reduzidos a 100 pessoas. E a um

número menor ainda com os massacres seguintes. Essa situação: redução do grupo como um todo, grupos bem menores, dispersão, nomadismo, mudança das margens de rios para altas montanhas, foram transformações que levaram à redução dos bens materiais e «[à] capacidade de reprodução física da própria sociedade» (Pedroso, 1994: 81, 82). A autora constatou, porém, que o grupo Avá contatado em 1983 «possui uma vida religiosa intensa, utilizando o fumo e o maracá em seus rituais de pajelança». Esse grupo, constituído por Matxa, Tuia, Nakwatxa e Iawi, sobrevivente de um desses massacres, perambulou durante 12 anos vivendo em cavernas, como nômades, fugindo do «homem branco». Bastante doentes os quatro Avá se «entregaram» a um fazendeiro em Minaçu em 1983 que contatou a Fundação Nacional do Índio, FUNAI. Foram levados para viver na região onde estava sendo construída a Usina Hidrelétrica da Serra da Mesa e aí viveram por volta de um ano. Em seguida foram transferidos pela FUNAI para um posto a apenas oito quilômetros da usina, onde nasceram Trumak e Putdjáwa, filhos de Iawi e Tuia, e mais tarde para o atual local onde vivem (que será descrito posteriormente). Para Toral (1985) os Avá-Canoeiro enquanto grupo étnico diferenciado está em extinção. Já para Granado é possível que isso não aconteça (1998).

3.2 Os Primeiros Contatos e a Língua Nativa

Diferentemente de outros povos indígenas que perderam sua língua no contato, os quatro Avá-Canoeiros sobreviventes mantiveram sua língua. Há vários fatores que afetam a manutenção ou a mudança da língua e podem ser os mesmos em ambos os casos (Grosjean, 1983). No que diz respeito aos Avá de Minaçu podemos levantar as seguintes hipóteses que estão interrelacionadas, dada a singular situação de contato que viveram até 1983: (i) o isolamento do grupo com respeito ao «homem branco», sem ter com ele estabelecido relações amistosas (pelo contrário, como vimos, eram considerados perigosos e «invisíveis» (Pedroso, 1994)); (ii) o constante caráter de migração/mobilidade/dispersão, o que também os isolou, mas os tornou mais integrados entre si, mais solidários. Ambos os fatores e (iii) o grau de solidariedade/identidade do grupo à sua língua e cultura, e resistência, dificultaram o contato permanente com o «homem branco» não permitindo, assim, a aquisição do Português nesse período. Seguramente, nessa época, a língua Avá tinha grande vitalidade, sendo utilizada em todas as funções a elas pertinentes. A «lealdade linguística», certamente se apoiou na solidariedade/integração e no caráter de resistência dos membros do grupo.

3.3 O Contato a partir de 1983

A situação de contato permanente dos Avá de Minaçu com o «homem branco» foi extremamente conflituosa (Tosta, 1997). Como vimos, eles foram colocados para viver em local próximo à construção, em suas próprias terras, da Usina Hidrelétrica da Serra da

Mesa (FURNAS). Este é provavelmente o período em que começaram a ter mais contato com o Português com os trabalhadores locais. Inevitavelmente a língua de contato, a «língua franca», tinha que ser o Português. Um grupo muito maior de trabalhadores não teria interesse nenhum em adquirir a língua de quatro indígenas. Trata-se, sem dúvida, de uma situação assimétrica, de um grupo dominante exercendo seu poder sobre um grupo extremamente fragilizado. Seguramente, a segunda língua dos Avá, o Português, deve ter sido adquirida a duras penas. Este é um fato confirmado entre outros povos indígenas com os quais trabalhei e outros correntes na literatura sobre o assunto, já que «os povos indígenas estavam fadados a desaparecer», fato este de forte impacto sobre esses povos. Este foi um período bastante difícil para os Avá de Minaçu. Mais tarde, como vimos, foram deslocados para um posto da FUNAI a apenas oito quilômetros da Usina, o chamado Posto Velho. Este foi o período em que nasceram Trumak e Putdjáwa. Povos indígenas altamente ameaçados deixam de ter filhos, a fim de não legar a eles a sua própria sina. São vários os povos que seguiram essa conduta e, entre outros motivos, também causou a depopulação dos povos indígenas no Brasil até os anos 80 (Ricardo, 2000). As notícias da época não desmentem esse fato com respeito aos Avá de Minaçu (Tosta, 1997: 28). Eles não queriam, mas tiveram esses filhos e passaram a essa nova geração a sua língua, Avá-Canoeiro, que chamam de «língua», fator este que, de acordo com os estudos sociolinguísticos, indica uma *atitude positiva* com relação à própria língua e aos seus valores culturais. Também deve ter sido nesse período que o seu Português continuou a desenvolver-se através do contato com agentes da FUNAI, usuais trabalhadores nos postos indígenas e outros «brancos» que haviam invadido suas terras, principalmente o de lawi e, inclusive, o início da aquisição dessa língua por Trumak e Putdjáwa.

A fim de contextualizar alguns eventos de fala (Hymes, 1974) que pude observar e o seu tipo de bilingüismo, tomando como foco a alternância de línguas interpessoal, devo antes colocá-los no cenário atual onde estão inseridos e foi ao qual eu tive acesso. Essa contextualização clarifica a situação sociolinguística atual.

Nesse cenário, a vários quilômetros de Minaçu, havia antes posseiros que haviam invadido a área a eles reservada. O contato com esses posseiros foi longe de harmonioso, pois estes estavam invadindo e explorando terras demarcadas aos Avá e os próprios Avá. Só recentemente foram retirados da reserva (ainda há quatro deles no local obstruindo o registro das terras dos Avá-Canoeiro na justiça) o que, de meu ponto de vista, teve implicações para a mudança de casa dos Avá e na configuração do local. Como parte das obrigações da Usina com os Avá, foram construídas quatro casas de tijolo à vista, em uma área circundada por morros altos, rios, cachoeiras, muitos pássaros, peixes, animais, e muitas árvores naturais do cerrado. Uma delas foi alocada aos Avá, a outra aos caseiros, uma outra à enfermaria e uma ao chefe do posto. No momento de minhas visitas viviam aí somente os dois caseiros com os quais os Avá tinham contato cotidiano e com Walter Sanches, chefe do posto. Walter Sanches, indígenista que está com os Avá há 12 anos, tem trabalhado em conjunto com eles, para a mudança de uma situação altamente conflituosa

para uma em que os Avá fazem planos para as suas vidas, com sua nova casa no alto do morro e suas roças ao lado desta casa. Tem sido nessa área que os Avá têm criado seus filhos e foi aí que desenvolveram mais seu Português, em diferentes tipos de bilingüismo que comecei a discutir nesse artigo respondendo a algumas das perguntas colocadas por Edwards (1992). Em 2001 decidiram subir um dos morros e construir aí uma casa de toras de madeira coberta com palha de buriti para nela viverem. A casa de tijolos foi abandonada (algumas vezes regressam para a casa do posto quando Matxa tem que fazer algum tratamento médico, por exemplo). Trumak e Putdjáwa, durante nossas visitas, passaram o tempo no posto conosco. Essa diferente configuração me leva a classificar o local em dois núcleos: 1) aquele onde está a «casa alta» e, 2) aquele onde estão as «casas do posto» (exceto a deles). Esses núcleos apresentam diferentes situações sociolingüísticas.

3.3.1 A situação sociolingüística na «casa alta»

A língua dominante no local é a Avá. Os fatos do contato e outros que aponto a seguir mostram que na «casa alta» (e também quando estavam/estão sozinhos na «sua casa do posto») a língua mais usada entre eles é a Avá-Canoeiro, em todos os domínios sociais, nos diferentes estilos, os da esfera do cotidiano e os da esfera privada (Bakhtin, 1992), como rituais, músicas, mitos etc., por quatro razões principais: (i) a da lealdade lingüística, fator/valor a não ser subestimado, pois já foi historicamente demonstrado por eles. O grupo está, novamente, mais isolado e, certamente, mais integrado; (ii) ali não há «brancos» presentes que demandem alternância de línguas, um processo sociolingüístico natural entre povos bilíngües. Logo, não há necessidade de se usar Português. Além do mais, (iii) a variedade étnica do Português dos mais velhos é fortemente marcada por sua língua (muito mais ainda a das mulheres), o que indica que a língua dominante, a que mais usam, é a Avá. Iawi tem mais proficiência de uso do Português do que as mulheres em um *continuum* de proficiência entre os membros do grupo (e não comparado a um monolíngüe, veja Romaine, 1995, adiante). Nakwatxa, por exemplo, apresenta, quando fala Português, inúmeras alternâncias (ou empréstimos) nos seus enunciados, oriundas de sua língua, o que indica que a língua base é a Avá, uma situação de sua manutenção e não de sua perda. Tuia acompanha sua fala com gestos e expressa-se através de itens lexicais e pequenas expressões em Português. Além do mais grande parte dos empréstimos do Português aos quais tive acesso são criações através da própria língua ou fonologizados e morfologizados pelo filtro da língua e a ela integrados. Como a língua dominante dos mais velhos é a Avá, não seria de se esperar que Trumak e Putdjáwa não sejam proficientes nessa língua, embora ainda não se saiba se há diferenças entre o Avá falado pela velha geração e a nova, levando-se em consideração o *continuum bilíngüe* proposto por Romaine (1995) e não as abordagens dicotômicas propostas por outros autores. Por «proficiente», entende-se que os falantes bilíngües são capazes de fazer *uso* das duas línguas nos diferentes contextos situacionais, *de acordo com seu grau de proficiência*. Ou seja, a de que há *formas intermediárias* de proficiência na língua, em um *continuum* em que em um pólo encontra-se o modo monolíngüe na L1

(primeira língua) e no outro o monolíngüe na L2 (segunda língua), nos mais variados graus, nas quais o falante mistura as línguas ou empresta de uma língua para a outra, faz transferências etc. É ainda problemático sabermos quais as diferenças (se existem) de Trumak e Putdjáwa no Avá e os mais velhos, pois somente agora a língua está sendo sistematicamente estudada por Borges e, como a própria autora afirma, está obtendo seus dados principalmente com Trumak e Putdjáwa (dados de relatórios). Mas, pelas minhas observações seguramente são bilíngües. Note-se que o principal auxiliar de pesquisa de Tosta (1997), inclusive de língua, foi Trumak. No que diz respeito ao Português, Trumak e Putdjáwa o dominam bem. Há várias possibilidades para explicar a diferença do Português de Trumak e Putdjáwa dos outros membros do grupo: a aquisição de uma segunda língua por crianças, no ambiente circundante informal, até por volta do princípio da adolescência, por razões sociopsicolingüísticas, se dá de maneira mais «natural» do que para os adultos. Até esse período a segunda língua pode ser adquirida, inclusive sem sotaque. Há também a possibilidade de que o contato mais intenso com falantes da língua portuguesa os tenham tornado mais proficientes (no sentido já por mim explicado), pois é o *uso* de uma ou outra língua que faz com que para os falantes bilíngües uma língua predomine sobre a outra nos diferentes momentos e contextos de produção. Todavia, a *razão da escolha da língua* já é um problema mais difícil de ser detectado (voltaremos ao assunto mais adiante); (iv) é a de que os Avá mantêm sua vida religiosa, como a «cachimbada», em seus rituais de pajelança. Tosta (1997: 17) relata «que é comum, principalmente entre as mais velhas, trancarem-se em suas casas por horas... em atividades de pajelança». A mesma autora informa que em 1996 Putdjáwa estava sendo iniciada nos rituais Avá. Seguramente estes são no estilo de língua mais formal do grupo. É importante observar que sua vida religiosa não foi perdida apesar dos 12 anos em que estiveram fugindo pela mata. Talvez outros tenham sido perdidos, mas este é um fato a ser observado por estudos antropológicos.

3.3.2 A situação sociolingüística nas «casas do posto»

Das cenas/eventos de fala observados neste local, trata-se de um cenário bilíngüe, com dominância do Português. Mas há espaços para o uso do Avá, quando seus falantes estão presentes, em situações típicas de bilingüismo, de alternância de línguas e/ou empréstimos entre os Avá e os «brancos» e entre eles mesmos. O foco na alternância de línguas nesse estudo é de significativa importância para o desvelamento da vitalidade da língua nativa. As regras sociolingüísticas de uso de uma ou outra língua entre povos bilíngües em contato são várias (Grosjean, 1983). A presença de falantes de Português é uma regra forte entre grupos indígenas –quando há brancos no evento falando Português, fala-se Português–mas, alguns estudos têm mostrado que quando há falantes de uma e outra língua no evento, o falante indígena fala a sua língua, alterna para a sua língua, quando se dirige para o outro falante indígena, mesmo que ambos sejam bilíngües. Logo, uma regra sociolingüística esperada quando membros de um mesmo grupo conversam, seria a do uso da língua indígena haja «brancos» ou não no evento de fala mostrando, entre outros

aspectos, a «marca de identidade de grupo» (Braggio, 1986, 1989, 2000a). Essa regra parece estar sofrendo outras considerações pelos Avá, nesse ambiente, exceto na «sua casa do posto». Há algumas situações entre os Avá em que usam o Português ao invés do Avá para falar. Há outras em que usam Avá.

Vejam alguns eventos de fala (Hymes, 1974) com cenas de alternância de línguas inter-pessoais em que aparecem ambas as ocorrências.

Cena 1

Putdjáwa está doente deitada na cama de Magna (caseira) em sua casa. Trumak está deitado ao lado da cama. Também estamos eu e Mônica no quarto quando entra Nakwatxa. Ela senta-se na cama e fala em Avá para Putdjáwa por bastante tempo. Putdjáwa responde a ela com monossílabos em Avá. Em seguida, Nakwatxa levanta-se e sai. Essa cena repetiu-se por várias vezes e Nakwatxa só falou em Avá. Em uma delas fez uma pajelança de cura em Putdjáwa. Trumak, depois das saídas de Nakwatxa nos explicava o que ela tinha dito em Avá.

Cena 2

Estamos na cozinha da casa de Geraldo (caseiro), eu, Geraldo e Nakwatxa. Magna havia feito pão e Nakwatxa estava comendo, arrancando pedaços de pão com a mão. Iawi entrou e começou a falar com Nakwatxa em Avá. Pegou um pão, colocou sobre uma tábua e foi cortando o pão com a faca, ensinando-lhe, em Avá, que era assim que devia fazer. Nakwatxa responde-lhe em Avá. Iawi fala conosco em Português explicando o que aconteceu.

Cena 3

Estamos na sala da enfermaria eu, Rosani e Mônica (pesquisadoras do projeto), trabalhando em uma atividade escolar com Trumak e Putdjáwa. Iawi chega e vai falar com Putdjáwa. Ela irá para Minaçu no dia seguinte com Magna e Geraldo para tomar remédios. Fala com ela em Português pedindo-lhe para ter cuidado na cidade. Ela responde em Português. Iawi fala um pouco conosco em Português e se vai.

Cena 4

Estamos todos no quarto, à noite, momento de ouvir histórias e músicas. A língua usada entre Trumak e Putdjáwa é Português. Em vários outros momentos, menos e mais formais, foi o Português que usaram entre eles em/com nossa presença.

Cena 5

Estamos Walter, Estevão e eu visitando a casa no alto. A língua usada entre eles é Avá. Tuia e Putdjáwa conversam juntinhas na rede em Avá. Matxa chama Putdjáwa e diz-lhe em Avá para nos mostrar o cavalo (frase traduzida para nós por Putdjáwa). A língua usada conosco é, claro, Português.

Cena 6

Estamos Estevão, Nakwatxa, Trumak e Putdjáwa na casa de Walter. Nakwatxa fala em Avá com Putdjáwa pedindo-lhe que «vá pedir agulhas para o Geraldo». Esta lhe responde em Avá e quando chega diz em Avá a Nakwatxa que «o Geraldo só mandou duas, porque senão gasta» (as frases foram traduzidas para nós em Português por Putdjáwa).

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Como afirmei anteriormente, a alternância de línguas, intra e interpessoal, no mesmo enunciado ou entre enunciados, para falantes bilíngües, é um processo natural em eventos de fala bilíngües. A *escolha da língua* a ser usada entre os interlocutores bilíngües, nunca é ao acaso, sempre segue regras sociolinguísticas e pode ter várias razões (entre elas os participantes, o tópico, o status dos interlocutores, o contexto situacional, a lealdade de grupo, para marcar identidade cultural, para excluir um outro falante etc.). Essas regras vão sendo adquiridas entre os interlocutores bilíngües ao mesmo tempo em que adquirem a segunda língua, fazendo parte da aquisição de sua competência comunicativa (Mclaughlin, 1978). Contudo, nem sempre o falante bilíngüe está certo de que língua usar, já que são muitos os fatores que intervêm nesse processo. A literatura sobre o assunto relata vários desses casos. Como se pode observar pelos exemplos o uso de uma ou outra língua entre os Avá está em *situação de conflito entre seus falantes* fora de seu próprio núcleo. Minha primeira hipótese é a de que, para os Avá, *fora de sua casa* «domínio social dos brancos» (Fishman, 1991), para falar com os «brancos», na presença de «brancos», este é um ambiente «em que se deve falar Português» o «ambiente da língua portuguesa», dos «brancos» etc., mas não para todo o grupo. Há um momento em que essa hipótese não se confirma: quando os mais velhos usam Avá para falar entre si e com Trumak e Putdjáwa. Mas se confirma quando Iawi fala em Português com Trumak e Putdjáwa e estes falam entre si também o Português em *nossa presença*. Uma etnografia da fala será necessária para decodificar *o uso da língua indígena entre eles*: quem fala, ou pode falar, para quem, quando, como etc., ou seja, decodificar as regras sociolinguísticas de uso do Avá.

Logo, o que me preocupa mais é a língua usada entre Trumak e Putdjáwa, o Português, nesse núcleo, embora se ressalte o fato de que estão em nossa presença. Ambos são da última geração e são eles que deverão passar a língua Avá para seus descendentes, sem romper com a primeira atitude de seus pais, a da passagem da própria língua para a próxima geração. Se isso não ocorrer, se o Português se consolidar como língua dominante de Trumak e Putdjáwa a língua Avá será perdida e, com ela, a herança cultural nela inscrita e a dos próprios Avá enquanto povo etnicamente singular. Pior, poderão ser considerados como não-indígenas e terão suas terras ainda mais à mercê do homem «branco».

Em vista disso, uma questão vital a ser desvelada é a atitude de Trumak e Putdjáwa com relação à sua língua e cultura, a seu povo. Em agosto, em ambiente informal, fiz a Trumak e Putdjáwa algumas perguntas baseadas em questionário semi-estruturado (Agar, 1983), gravadas em 30/08, que esclarecem, em parte, essa questão e a do uso das línguas entre eles.

Eu os «coloquei» na casa do alto do morro (uso da língua):

Constatei que, de fato, a língua falada na casa do alto do morro, entre todos os membros é a Avá.

No que diz respeito à língua que gostam mais e que acham mais bonita a resposta foi contundente - *Trumak e Putdjáwa*: AVÁ.AVÁ.

Eu os «coloquei», então, no Posto:

P: Que língua vocês falam com o Geraldo? Português ou Avá?

Trumak: Português. Com o Geraldo não é Avá não. Em Avá é eu, a Putdjáwa, a Tuia, a Matxa, a Nakwatxa e o Iawi.

.....
Atitude com relação à língua e ainda uso da língua nesse local:

P: Que língua vocês gostam mais de falar?

P: Qual é a língua mais fácil de falar?

Trumak e Putdjáwa: AVÁ.AVÁ.AVÁ.

P: Qual a língua mais bonita?

Putdjáwa: AVÁ.

Trumak: AVÁ.

P: Qual a língua que vocês falam na casa do Geraldo com o Iawi?

Trumak e Putdjáwa: Avá.

Perguntei mais de uma vez. Disse que o Estevão e eu ouvimos os dois falando Português com Iawi. Não concordaram. Foram absolutamente firmes e enfáticos nas respostas que deram várias vezes: É AVÁ.

Da amostra acima e das minhas observações fica constatado que a língua usada entre eles, no seu núcleo, é Avá. Como Trumak e Putdjáwa passam dias e noites lá, estão tendo acesso a língua utilizada na pajelança, certamente a da «esfera privada» do grupo e, óbvio, a do «cotidiano». Quanto à atitude dos dois com relação a sua língua, suas respostas mostram uma *atitude positiva*, seguramente herdada de seu grupo. Esta atitude é um caminho, que se bem trabalhado, pode levá-los a falar Avá entre si, em nossa presença. Putdjáwa e Trumak demonstram alegria quando nos ensinam sua língua. O fato de sua língua estar sendo estudada e o interesse da equipe em aprendê-la podem ajudar nesse processo. O diálogo de Nakwatxa e Putdjáwa (cena 11) *em nossa presença* é um indício dessa possibilidade. O intrigante é que negam veementemente falar Português com Iawi no núcleo 2. Há algumas possibilidades de explicação, mas que devem ser mais bem trabalhadas: estavam se referindo à «sua casa» no posto e não ao PI ; não consideram que o Português de Iawi também não seja Avá, dadas as marcas dessa última língua na variedade de Português dele. Há outras a serem pensadas a partir de uma maior relação com o grupo.

5. À GUIA DE CONCLUSÃO: APENAS A PONTA DO ICEBERG

Neste artigo tentei mostrar as minhas primeiras impressões com a situação de contato da língua Avá-Canoeiro com o Português na reserva de Minaçu. O foco, a partir de meu olhar, recaiu sobre o uso das línguas, manutenção ou deslocamento, tomando as alternâncias de línguas interpessoais e várias outras perguntas de Edwards (1992). Como se pode observar os Avá de Minaçu não perderam sua língua no contato, passaram-na para seus filhos e

continuam usando-a. As alternâncias de língua ocorrem de forma natural, mas algumas das cenas mostradas indicam o uso do Português em detrimento do Avá no núcleo 2. O uso do Português entre Trumak e Putdjáwa no núcleo 2, deve ser cuidadosamente analisado, recorrendo-se a mais estudos e observações, a fim de que se possa detectar que *ações são mais urgentes* para que se possa evitar a extinção da língua, também as de ordem extralingüísticas, conforme autores utilizados nessa análise e que demandam essas ações pensadas por outros especialistas, além dos componentes da atual equipe, em «aliança colaborativa» (Müller, 2001) com o grupo Avá. As ameaças que me parecem mais contundentes nesse momento são a do tamanho do grupo, que têm dado origem ao argumento: «por que tanta terra para tão poucos índios» o que os torna sempre vulneráveis à invasão, já que ela está apenas demarcada. Já afirmamos que mudanças no ecossistema provocam mudanças na língua e cultura, *abruptas*, e que grupos pequenos são menos resistentes às pressões econômicas e tecnológicas. Recentemente, foi inaugurada a Usina de Cana Brava em parte de suas terras. Com isso, poderá haver a alteração do ecossistema. E mais, a entrada do homem «branco», madeireiros, caçadores, mineradores, pescadores, fica facilitada e pode haver contatos conflituosos. Uma outra ameaça é a da passagem da língua para a próxima geração, já que Trumak e Putdjáwa, no momento, estão usando mais Português do que Avá e são seus últimos descendentes. Mesmo que a *atitude* dos dois jovens seja positiva, há problemas de difícil solução. Há questões a serem esclarecidas e mais estudos a serem empreendidos e, sem dúvida, os sociolingüistas têm um importante papel a desempenhar, a fim de auxiliar na não extinção da língua Avá-Canoeiro de Minaçu. E, claro, desse povo, enquanto etnia diferenciada, singular. Esta é apenas a ponta do *iceberg*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELAAR, Willem F. H. (1991): «The endangered languages problem: South America», en Robins & Uhlenbeck (eds.) (1991), pp. 45-92.
- (1998): «The endangered situation of native languages in South America», en Matsumara (ed.) (1998), pp. 1-15.
- AGAR, Michael (1983): *The Professional Stranger. An introduction to ethnography*. New York, Academic Press.
- ALBÓ, Xavier (1988): «El futuro de los idiomas oprimidos», en Orlandi (ed.) (1988), pp. 75-104.
- (1999): «Desafíos de la Bolívia plurilingüe», en Herzfeld & Lastra (orgs.) (1999), pp. 223-243.
- AVILA, Raul (1999): «La comunicación masiva y las lenguas en la aldea global», en Herzfeld & Lastra (orgs.) (1999), pp. 277-293.
- BAKHTIN, Mikhail (1992): *Estética da criação verbal*. SP, Martins Fontes.
- BORGES, Mônica V. (2002): Relatórios de Pesquisa do Projeto Avá-Canoeiro.ms.

- BRAGGIO, Silvia L. B. (1986): *The sociolinguistics of literacy: a case study of the Kaingang, a Brazilian Indian tribe*. Tese de doutorado. Albuquerque, NM, University of New Mexico, inédita.
- (1989): «Alfabetização como um processo social complexo: análise de como ela ocorre entre os Kaingang de Guarapuava, Paraná». *Trabalhos em Lingüística Aplicada*, 14. Campinas, SP, Unicamp.
- (1992): «Situação sociolingüística dos povos indígenas do estado de Goiás e Tocantins». *Revista do Museu Antropológico*, 1. v. 1. Goiânia, GO, UFG, pp. 1-62.
- (1995): «The sociolinguistic situation of native peoples of Central Brasil: from trilingualism to language loss». *Inter-ação*, 1, v. 1. Goiânia, GO, UFG. Artigo apresentado no 1995 Institute of Linguistics no Symposium of Language Loss, University of New Mexico.
- (1997): «Aquisição e uso de duas línguas: variedades, mudança de código e empréstimo». *Revista da Abralin*, 20, v. 1. Maceió, AL, UFAL, pp. 139-172.
- (1998-2000): *Projeto de alfabetização como um processo social complexo: aspectos do falar e do escrever bilíngüe indígena*. Parte III. Financiado pelo CNPq. Processo 301363/85-4, ms.
- (1999): «Variedade dialetal do português em contato com uma língua indígena», en Calvo (org.) (1999): *Estudios de Lenguas y Culturas Amerindias II-Lenguas, Literaturas, Médios*. València, Universitat de València, pp. 31-42.
- (2000a): «Contato entre línguas: subsídios para a educação escolar indígena». *Revista do Museu Antropológico*, v. 2, n. 1, Goiânia, GO, UFG, pp. 121-134.
- (2000b): «A instauração da escrita entre os Xerente: conflitos e resistências». *Revista do Museu Antropológico*, 2, v. 2. GO, UFG, pp. 19-42.
- (2000c): «La instauración de la escritura entre los Xerente: conflictos y resistencias», en Calvo (org.) (2000): *Contacto Interlingüístico e Intercultural en el Mundo Hispano*. València, Universitat de València, v. 1, pp. 65-81.
- (2001a): *Línguas Indígenas Brasileiras Ameaçadas de Extinção*. Livro resultante do *Projeto Línguas em Contato: línguas indígenas brasileiras em contato com o português*, elaborado como parte do Programa de Pós-Doutorado, realizado no Departamento de Lingüística da University of New México, financiado pela CAPES, processo núm. 1198/00-9.
- (2001b): *Material Didático de Apoio ao Professor Indígena: subsídios da lingüística*. Manual 1, resultante do mesmo Projeto.
- (2002a): «Línguas Indígenas Brasileiras Ameaçadas de Extinção». *Revista do Museu Antropológico*, v. 5/6, pp. 9-54.
- (2002b): «Políticas e direitos lingüísticos dos povos indígenas brasileiros». Artigo apresentado na 54ª Reunião da SBPC, Goiânia, GO. No prelo, na *Revista Signótica* da UFG.

- CALVO, Julio e Juan Carlos GODENZZI (eds.) (1997): *Multilingüismo y educación bilingüe en América y España*. Cuzco, CBC.
- (2004): «La vitalidad de las lenguas amerindias en el cono sur americano», en Lluís i Vidal-Folch, Ariadna y Azucena Palacios Alcaine (eds.) (2004): *Lenguas vivas en América Latina*. Madrid-Barcelona, UAM-ICCI, pp. 301-319.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto (1978): *A sociologia do Brasil indígena*. Brasília, Unb.
- COELHO DOS SANTOS, Silvio (1995): «Os direitos indígenas no Brasil», en Lopes da Silva & Grupioni (eds.) (1995), pp. 87-105.
- CRYSTAL, David (2000): *Language Death*. Cambridge, Cambridge University Press.
- CUARÓN, Beatriz G. (org.) (2000): *Políticas Lingüísticas en Mexico*. Mexico, La Jornada Ediciones.
- CUARÓN, Beatriz G. e Yolanda LASTRA (1991): «Endangered languages in Mexico», en Robins & Uhlenbeck (eds.) (1991), pp. 93-134.
- DORIAN, Nancy (ed.) (1989): *Investigating obsolescence. Studies in language contraction and death*. Cambridge, Cambridge University Press.
- EDWARDS, John (1992): «Sociopolitical aspects of language maintenance and loss: towards a typology of minority language situations», en Willem Fase, K. Jaspaert and S. Kroon (eds.) (1992): *Maintenance and loss of minority languages*. Amsterdam, Benjamins, pp. 37-54.
- FISHMAN, Joshua (1991): *Reversing language shifting*. Clevedon, Multilingual Matters.
- (org.) (2001): *Can threatened languages be saved?* Clevedon, Multilingual Matters.
- GRENOBLE, Lenore A. & Lindsay J. WHALEY (eds.) (1998): *Endangered languages*. Cambridge, Cambridge University Press.
- (1998): «Toward a typology of language endangerment» en Grenoble & Whaley (eds.) (1998), pp. 22-54.
- GROSJEAN, François (1983): *Life with two languages*. New York, Harvard University Press.
- HALE, Ken (1992a): «On endangered languages and the safeguarding of diversity». *Language*, 68, pp. 1-3.
- (1992b): «Language endangerment and the human value of linguistic diversity». *Language*, 68, pp. 35-42.
- (1998): «On endangered languages and the importance of linguistic diversity», en Grenoble & Whaley (eds.) (1998), pp. 192-216.
- HAMEL, Rainer H. (1988): «La política del lenguaje y el conflicto interétnico - problemas de investigación sociolingüística», en Orlandi (ed.) (1988), pp. 41-74.
- HARE, Cecilia (1999): «Por un nuevo estado, pluricultural y plurilingüe», en Herzfeld & Lastra (orgs.) (1999), pp. 295-303.
- HERZFELD, Anita e Yolanda LASTRA (orgs.) (1999): *Las causas sociales de la desaparición y de mantenimiento de las lenguas en las naciones de América*. Sonora, MX, Universidad de Sonora.

- HINTON, Leanne (2001): «Language revitalization: an overview», en Hinton & Hale (eds.) (2001).
- HINTON, Leanne e Ken HALE (eds.) (2001): *The green book of language revitalization in practice*. New York, Academic Press.
- HYMES, Dell H. (1967): «On communicative competence», en Huxley, R & Ingram (eds.) (1967): *Mechanisms of language development*. London.
- (1974): «The ethnography of speaking», en Blount, Ben & G. (eds.) (1974): *Language, Culture and Society*. Cambridge, Winthrop Publishers, Inc.
- KINCADE, Dale (1991): «The decline of native languages in Canada», en Robins & Uhlenbeck (eds.) (1991).
- KRAUSS, Michael (1992): «The world's languages in crisis». *Language*, 68, pp. 4-10.
- (1996): «Status of Native American language endangerment», en G. Cantoni (ed.) (1996): *Flagstaff: Center for Excellence in Education*, Northern Arizona University.
- LOPES DA SILVA, Aracy e Luiz D. B. GRUPIONI (1995): *A temática indígena na escola*. Brasília, MEC/UNESCO/MARI.
- MATSUMARA, Kazuto (ed.) (1998): *Studies in Endangered Languages*. Tokyo, Hituzi Siobo.
- MÜLLER DE OLIVEIRA, Gilvan (2001): «A língua entre os dentes». Entrevista ao *Caderno Temático-Jornal da Unicamp*, 165. Ano XV, pp. 4-5.
- MCLAUGHLIN, Barry (1978): *Second-language acquisition in childhood*. Lawrence Erlbaum Associates.
- NETTLE, Daniel & Suzanne ROMAINE (2000): *Vanishing Voices. The extinction of the world's languages*. Oxford, Oxford University Press.
- ORLANDI, Eni P. (ed.) (1988): *Política linguística na América Latina*. Campinas, SP, Pontes.
- PEDROSO, Dulce (1994): *O Povo Invisível*. FURNAS/UCG.
- Regimento Curricular Nacional para as Escolas Indígenas* (1998): SEF/Coordenação Geral de Apoio às Escolas Indígenas. Brasília, MEC.
- RICARDO, Carlos A. (org.) (2001): *Índios no Brasil*. 1996/2000. São Paulo, ISA.
- ROBINS, Robert e Eugenius UHLENBECK (eds.) (1991): *Endangered languages*. Oxford, Berg.
- RODRIGUES, Aryon D. (1986): *Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo, Loyola.
- (1993a): «Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas». *DELTA*, 9, pp. 83-103.
- (1993b): «Endangered languages in Brazil». Artigo apresentado no *Symposium on Endangered Languages of South America*. Rijkis Universiteit Leiden, Holanda.
- (2000): *As línguas gerais sul-americanas*. LALI. Brasília, Unb.
- ROCHA, Leandro M. (1998): *Índios do Brasil Central*. Goiânia, CEGRAF/UFG.
- ROMAINE, Suzanne (1995): *Bilingualism*. Oxford, Oxford University Press.
- SEKI, Lucy (1984): «Problemas do estudo de uma língua em extinção». *Boletim da Abralín*, 6, pp. 109-118.
- TORAL, André (1986): *Relatório para a FUNAI*. Brasília, FUNAI, mimeo.

- TOSTA, Lena T. D. (1997): «*Homi Matou Papai Meu*»: *uma situação histórica dos Avá-Canoeiro*. Brasília, Unb. ms.
- UNESCO (2000): *World cultural report: cultural diversity, conflict and pluralism*. Paris, UNESCO.
- WURM, Stephen (1991): «Language death and disappearance: causes and circumstances», en Robins & Uhlenbeck (eds.) (1991), pp. 1-18.
- (1998): «Methods of language maintenance and revival with selected cases of language endangerment in the world», en Matsumara (ed.) (1998), pp. 191-211.
- (2000): «Lenguas y culturas en contacto en el mundo de hoy: panorama general», en Cuarón (org.) (2000), pp. 19-38.

Fecha de recepción: 30-01-2004

Fecha de aceptación: 06-05-2004

Los fondos americanistas del Real Colegio de los PP. Agustinos Filipinos de Valladolid (Biblioteca Teológica y Museo Oriental)

Joaquín García-Medall

<garmed@lesp.uva.es>

Universidad de Valladolid

Resumen

En esta nota bibliográfica, describimos los fondos existentes en la Biblioteca del Estudio Teológico y en el Museo Oriental de Valladolid (Real Colegio de los PP. Agustinos Filipinos), en especial lo relativo a los textos amerindísticos (gramáticas, vocabularios y diccionarios, textos pedagógicos, monografías, etc.), pero también lo que atañe, como tema principal, a los textos históricos, descriptivos y de exploración sobre el mundo amazónico. El Museo Oriental es una de las mejores colecciones privadas sobre este tipo de fondos en España.

Palabras-clave: corpus bibliográfico, textos amerindísticos, historia y cultura del mundo amazónico.

Abstract

In this bibliographical note, I describe the books at the Biblioteca del Estudio Teológico and at the Museo Oriental in Valladolid (Colegio Real de los PP. Agustinos Filipinos), specially in what have to do with the Amerindian texts (grammars, vocabularies and dictionaries, pedagogical texts, monographs and so on), but too what attains, as a main topic, to the historical, descriptive and exploration books about the Amazonian world. The Museo Oriental is one of the best private collections about this topic in Spain.

Key-words: bibliographical notes, amerindian texts, amazonian world and culture.

La Biblioteca Teológica de los Padres Agustinos Filipinos de Valladolid es, con toda probabilidad, la mejor biblioteca de lenguas filipinas y del Extremo Oriente que existe en España, al menos en lo relativo a la labor lingüística misionera de los religiosos españoles durante el siglo XVII y, especialmente, durante los siglos XVIII y XIX. Lo anterior es perfectamente comprobable con sólo ojear la obra bibliográfica de I. R. Rodríguez (1976) *Update Checklist od Filipiniana at Valladolid*, o la obra de P. Policarpo Hernández (1998)

The Agustinians in the Philippines, donde se refieren diccionarios y gramáticas de muchas lenguas filipinas (tagalo, bisaya e ilocano, especialmente, pero no sólo de éstas), que datan desde 1601 hasta los siglos XVIII y XIX. Su valor se acrecienta con el hecho de que las gramáticas y vocabularios originales de los religiosos españoles en tierras asiáticas no perduraron en su mayoría, debido a las adversas condiciones climáticas de humedad y calor, pero sí un gran número de los ejemplares enviados a Castilla.

No obstante, no hay, que sepamos, un catálogo publicado de los fondos de la Biblioteca del Estudio Teológico ni sobre los del Museo Oriental que se refieran a sus fondos americanistas ni a la labor lingüística de los religiosos en América, con ser ésta una magna obra de extraordinario interés para la historia de la lingüística amerindia en su conjunto que, afortunadamente, prosigue hasta nuestros días. Los fondos están divididos en dos secciones: (a) en la Biblioteca del Estudio Teológico (BT, en adelante) se encuentran clasificados los fondos modernos de temática amerindia (XIX y XX), que son mayoría, y algunos antiguos (XVI y XVII) que han sido convenientemente fotocopiados o facsimilados. Es esta una biblioteca de carácter público; (b) en el Museo Oriental (MO, desde aquí), se encuentran los fondos recopilados por el P. Blas Sierra de la Calle (OSA), director del Museo, a lo largo de muchos años de interés y estudio, con predominio de los relativos al arte de las Islas Filipinas, China y Japón, pero también con una notable cantidad de obras de carácter lingüístico, histórico, antropológico, etnológico, artístico, cronístico y misionero referentes al mundo americano, especialmente, al amazónico. Tales fondos nunca han sido catalogados ni descritos, puesto que no son de acceso público. La segunda parte de esta nota bibliográfica pretende dar una relación de sus obras con el beneplácito expreso del director del Museo Oriental, que, con gran amabilidad, nos permitió el examen de la biblioteca.

En la BT hay obras de muy distinta índole (artes, vocabularios, diccionarios, gramáticas, cartillas de alfabetización, catálogos, etc.), referidas, al menos, a las siguientes lenguas amerindias: náhuatl (uto-azteca); ixil y otras lenguas mayas; malecu (chibcha); bribri (chibcha); tunebo (chibcha); huetar (chibcha); pemón (caribe); yagua (caribe); cumanagoto (caribe); machiguenga (arahuaca); warao (arahuaca); guajiro (arahuaca); goahivo (arahuaca o goahivo); achuar (jívaro); aguaruna (jívaro); mapuche (araucana, en sus variedades pehuenche, pampa, picunche, rancülche y huillinche); quechua (andina, en sus variedades de Huaylas, de Ayacucho, de Huanuco, de Cuzco, del Ecuador; aimara, (andina); tupí (tupí-guaraní) de Brasil, cocama y cocamilla del Perú (mixtas o aisladas); wo'tihch (sáliba); yupa (aislada).

Predominan las obras sobre el quechua, sobre ciertas lenguas del Perú amazónico y sobre algunas lenguas de la familia chibcha de Colombia y Costa Rica, especialmente. Escasas son las obras relativas a la familia tupí-guaraní así como a las lenguas mayas y uto-aztecas. No obstante, los fondos se completan con algunas obras clásicas españolas sobre la clasificación de las lenguas amerindias, como las de Sobrón (s.f., XIX), del Conde de la Viñaza (1892), de Zarco del Valle y Espinosa de los Monteros (1914) y, especialmente, la obra Tovar y de Larrucea de Tovar (1984).

Sobre el contacto y el influjo recíproco entre el español y ciertas lenguas amerindias cuenta la BT con obras sobre la «lengua salvadoreña» (Geoffroy Rivas, 1987), el vocabulario regional del oriente peruano (Castonguay, 1987) y las relaciones entre las lenguas indígenas venezolanas y el castellano (de Armellada, 1978). Hay, además, algunas obras, de carácter histórico, que estudian e informan del trabajo lingüístico y filológico de los franciscanos en México (Pazos, 1962), del de los jesuitas en Venezuela (Rey Fajardo, 1971; 1979) o del de los propios agustinos en Venezuela (Campo del Pozo, 1979).

Por los intereses que se deducen de este acopio de materiales, no hay duda de que la BT se inclina por aquellos territorios de la América latina donde la impronta de los PP. Agustinos es más profunda en la actualidad (el dominio lingüístico quechua del Perú y del Ecuador, el sector amazónico peruano de Loreto, Costa Rica, la costa colombiana y venezolana del Atlántico). De hecho, casi toda la bibliografía amerindiana de la BT está publicada en español. En particular, la BT se nutre en la actualidad especialmente de las publicaciones de las siguientes instituciones (institutos y universidades): el Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica (Iquitos, Perú) (CAAAP), el Centro de Estudios Teológicos del Amazonas (CETA), la Universidad Nacional Mayor de San Marcos de Lima, la Universidad de Costa Rica y la Universidad Nacional Andrés Bello, de Caracas.

Damos a continuación una relación de las obras de interés amerindio que se encuentran depositadas en la Biblioteca Teológica de los PP. Agustinos Filipinos de Valladolid, hasta julio de 2004, por si su consulta fuera del interés de los investigadores.

1. BIBLIOGRAFÍA AMERINDIANA DE LA BIBLIOTECA TEOLÓGICA DE LOS PP. AGUSTINOS (VALLADOLID)

- ARMELLADA, Cesáreo de (1973): *Taron Pantón II: Así dice el cuento*, Caracas, Universidad Católica Andrés Bello (pemón).
- (1978): *Las lengua indígenas venezolanas y el castellano*, Caracas, Universidad Católica Andrés Bello.
- AYRES, Glenn (1991): *La gramática ixil*, Guatemala, Centro de Investigaciones Regionales de Mesoamérica.
- AZA, José Pío (1923): *Vocabulario español machiguenga*, Lima, La Opinión Nacional.
- (1924): *Estudio sobre la lengua machiguenga*, Lima, La Opinión Nacional.
- BARRAL, Basilio de (1979): *Diccionario warao-castellano, castellano-warao*, Caracas, El Políglota.
- BAYLE, Constantino (1950): *Exposición de libros en lenguas indígenas... celebrada en las salas de la Biblioteca Nacional de Madrid del 26 de abril al 2 de mayo de 1950*, Madrid, España Misionera.
- BOLLA, Luis (1991): *Achuar Matsátmau= Mundo achuar*, Lima, Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica.

- CAMPO DEL POZO, Fernando (OSA) (1979): *Los agustinos y las lenguas indígenas de Venezuela*, Caracas, Universidad Católica Andrés Bello.
- CASTELLVÍ, Marcelino de y Luis Espinosa (1958): *Propedéutica etnolingüística y diccionario clasificador de las lenguas indoamericanas*, Madrid, CSIC, Instituto Bernardino de Sahagún.
- CASTONGUAY, Luis (1987): *Vocabulario regional del Oriente peruano*, Iquitos, Centro de Estudios Teológicos de la Amazonía (CETA).
- CONSTENLA UMAÑA, Adolfo (1991): *La lengua del área intermedia: introducción a su estudio areal*, San José de Costa Rica, Universidad de Costa Rica.
- (1994): *Abecedario ilustrado malecu*, Costa Rica, EUNA.
- CONSTENLA UMAÑA, Adolfo y Enrique MARGERY PEÑA (1979): *Bribri II*, Costa Rica, Universidad de Costa Rica.
- CORBERA, Ángel (comp.) (1983): *Educación y lingüística en la Amazonía peruana*, Lima, Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica.
- CHAUMEIL, Jean Pierre (1987): *Ñihamwo. Los yagua del Nor-oriente peruano*, Lima, Centro Amazónico de Antropología y Aplicaciones Prácticas.
- ENGLAND, Nora C. (1988): *Introducción a la lingüística: idiomas mayas*, Guatemala, Proyecto Lingüístico Francisco Marroquín.
- ERIZE, Esteban (1960): *Diccionario comentado mapuche-español, arahucano, pebuenche, pampa, picunche, rancülche, huillinche*, Buenos Aires, Universidad Nacional del Sur.
- ESCRIBENS, Augusto (1970): *Gramática del quechua de Huaylas*, Lima, Universidad Nacional de San Marcos.
- ESPINOSA PÉREZ, Lucas (OSA) (1935): *Los tupí del oriente peruano. Estudio lingüístico y etnográfico*, Madrid, Imprenta y Casa Editorial Hernando.
- (OSA) (1989): *Breve diccionario analítico castellano-tupí del Perú: sección Cocama*, Iquitos, Ediciones CETA.
- FABO DEL CORAZÓN DE MARÍA (1911): *Idiomas y etnografía de la región oriental de Colombia*, Barcelona, José Benet.
- FERNÁNDEZ, Manuel (ORSA) (1895): *Ensayo de gramática hispano-goahiva*, Bogotá, Imprenta Nacional.
- GEOFFROY RIVAS, Pedro (1987): *La lengua salvadoreña*, San Salvador, Ministerio de Cultura y Comunicaciones.
- GRIGORIEFF, Sergio (1935): *Compendio del idioma quichua. 1. Gramática. 2. Diccionario de quichua-castellano. 3. Paradigmas del verbo (tablas)*, Buenos Aires, Claridad.
- GUARDA MAYORGA, César A. (1973): *Gramática kechwua. Rusanimi allin rimay yachay...*, Lima, Los Andes.
- Istituto Costarricense de Enseñanza Radiofónica* (1986): *Maestro ta sa ú bribri ie ujo= El maestro en casa en lengua bribri (cartilla)*, San José de Puerto Rico.
- JUSAYU, Miguel Ángel (1975): *Morfología guajira*, Caracas, Universidad Católica Andrés Bello.

- KRISÓLOGO, Pedro J. (1976): *Manual cronológico del idioma wot'ihéh*, Caracas, Universidad Católica Andrés Bello.
- LATÍN, Augusto Salvador (1982): *Iniciación al lenguaje nahuatl*, El Salvador, Centro Nacional de Artes y Ministerio de Educación.
- LOBATO, Juan G. N. (1901): *Arte y diccionario quechua-español. Corregido y aumentado por los RR. PP. redentoristas al que en 1608 publicó Diego González de Holguín (Sj)*, Lima, Imprenta del Estado.
- MARGERY PEÑA, Enrique (1982/1996): *Diccionario fraseológico bribri-español español-bribri*, San José, Universidad de Costa Rica.
- MARGERY PEÑA, Enrique y FRANCISCO RODRÍGUEZ ATENCIO (1993): *Dialecto de Chiriquí*, San José, Universidad de Costa Rica.
- MÁRQUEZ, María Elena (1988): *Gramática de la lengua tuneba: morfosintaxis del Cobaría, Berichá (Esperanza Aguablanca)*, San Cristóbal, Universidad Católica del Tachira.
- MARTÍN CUESTA, José (Sj) (1982): *El aguaruna, la lengua del Cóndor*, Lima, Librería Studium.
- (s.f.): *Bosquejo de estructura de la lengua aimara*, Lima, Universidad Nacional Mayor de San Marcos.
- MOESBACH, Ernesto Wilhelm (1952): *Voz de arauco. Explicación de los nombres indígenas de Chile*, Santiago de Chile, Imprenta San Francisco. (2ª ed.).
- MURGUEYTIO, Reinaldo (1945): *Yachay-Huasi. Libro de lectura para escuelas campesinas y normales rurales del Ecuador con diccionario quechua*, Quito, Escuela Central Técnica.
- ORTIZ, Sergio Elías (1952): *Estudios sobre lingüística aborigen de Colombia*, Bogotá, Kelly.
- ORTIZ RESCANIERE, Alejandro (1992): *El quechua y el aymará*, Madrid, Mapfre.
- PAZOS, Manuel R. (OFM) (1962): *Misionología mejicana: lingüistas y políglotas franciscanos*, Tánger, Hispanoarábica de la Misión Católica.
- PERROUD, Pedro Clemente (posterior a 1970): *Diccionario castellano kechwa, kechwa castellano. Dialecto de Ayacucho*, Lima, Seminario San Alfonso.
- QUESADA PACHECO, Miguel Ángel (1997): *Abecedario ilustrado de la lengua huetar*, Heredia (Costa Rica), EUNA.
- RAMÍREZ SENDOYA, Pedro José (1952): *Diccionario indio del Gran Tolima. Estudio lingüístico y etnográfico sobre dos mil palabras indígenas del Huil y del Tolima*, Bogotá, Minerva.
- REY FAJARDO, José del (1971): *Aportes jesuíticos a la filología colonial venezolana. Documentos* (vol. I y II), Caracas, Universidad Católica Andrés Bello.
- REGAN, Jaime (Sj) et al. (1991): *Chichasájmi. Hablemos aguaruna I*, Lima, Centro Amazónica de Antropología y Aplicación Práctica.
- RINCÓN, Antonio del (1595/1885): *Arte mexicana compuesta por A. del Rincón*, México, Pedro Ballí. Reimpresión al cuidado de A. Peñafiel, México, Tipografía de la Secretaría de Fomento.
- SALVADOR LATÍN, Augusto Salvador y Antonio B. Arocha (1982): *Iniciación al lenguaje nahuatl*, El Salvador, Ministerio de Educación.

- SANTO TOMÁS, Domingo de (1560): *Lexicon o vocabulario de la lengua general del Perú, còpuesto por el Maestro F. Domingo de S. Thomas de la Orden de San Domingo*, Valladolid, Francisco Fernández de Córdoua (ejemplar fotocopiado).
- (1560/1891): *Arte de la lengua quichua*, publicada por J. Platzmann en edición facsimilar, Leipzig, B. G. Teubnar.
- (1560/1951): *Grammatica o arte de la lengua general de los indios del Perú*, edición facsimilar a cargo de R. Porras Barrenechea, Lima, Instituto de Historia.
- SOBRÓN, Félix C. (s.f.): *Los idiomas de la América Latina: estudios biográfico-bibliográficos*, Madrid, impresión a cargo de Víctor Sáiz.
- SOLA, Donald F. (1967): *Gramática quechua de Huanuco*, Lima, Universidad Nacional Mayor de San Marcos.
- TAPIA, Diego de (1969): *Reso (sic) cotidiano en lengua cumanaqota*. Estudio preliminar de P. Ojer. edición crítica de C. Bentivenga.
- TASTEVIN, Constantino (1923): *Nomes de plantas e animaes em lingua tupy...*, São Paulo, Oficinas do Diário Oficial.
- TOVAR, Antonio y Consuelo Larrucea de Tovar (1984): *Catálogo de las lenguas de América del Sur*, Madrid, Gredos.
- ULLOA, Antonio de (1944): *Noticias americanas: entretenimiento físico-histórico sobre la América meridional y septentrional oriental*, Buenos Aires, Editorial Nova.
- VAQUERO, Antonio (1965): *Idioma warao. Morfología, sintaxis, literatura*, Caracas, Estudios Venezolanos Indígenas.
- VEGAMIÁN, Félix María de (1978): *Diccionario ilustrado yupa-español, español-yupa. Con onomástica y apuntaciones gramaticales*, Caracas, Formateca.
- VIÑAZA, conde de la (1892): *Bibliografía española de lenguas indígenas de América*, Madrid, Sucesores de Rivadeneira.
- Vocabulario* (compuesto por religiosos franciscanos misioneros) (1905): *Vocabulario poliglota incaico: comprende más de 12.000 voces castellanas, 10.000 del keshwa de Cuzco*, Lima, Tipografía del Colegio de Propaganda Fide.
- YÁNKUAM'JINTIA y Péas KANTÁSH'ISHTIKU (1991): *Achuar Matsátmau (Mundo achuar)*, Lima, Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica.
- ZARCO DEL VALLE, manuel Ramón y Manuel Espinosa de los Monteros (1914): *Lenguas de América. Catálogo bibliográfico de XXI manuscritos existentes en la Real Biblioteca (patrimonial de S. M. el Rey de España) descritos por...*, Madrid, Antonio Graiño, Imprenta Clásica.

2. BIBLIOGRAFÍA DE TEMÁTICA AMAZÓNICA DEPOSITADA EN EL MUSEO ORIENTAL

Como puede desprenderse de la nómina de obras que sigue, el Museo Oriental cuenta con un buen contingente de obras relativas al mundo amazónico americano. Se distinguen tres apartados fundamentales según su temática: (a) obras decimonónicas y modernas de exploración a la cuenca del Amazonas y del Orinoco (libros de viajes, de exploración, de investigación botánica, faunística y geográfica, etnológica, lingüística o meramente aventurera); (b) obras dedicadas a la cultura material y al arte decorativo de las culturas amazónicas; (c) obras relativas a la antropología, la lingüística, la etnología, el arte y la evangelización de los pueblos amazónicos.

Si bien los fondos de carácter meramente lingüísticos son escasos en el MO, uno de ellos es de interés para la historia de la tipología de las lenguas amerindias de Sudamérica. Nos referimos, en particular, a la clasificación que hace J. A. Mason de las lenguas de América del Sur, en la obra editada por J. H. Steward (1950). La extraordinaria recopilación y traducción de los discursos orales de los shuar (o jíbaros) sobre los distintos aspectos de la vida indígena escrita por el Padre Siro Pellizzaro también es de gran interés (1974-1985): constituye un corpus enorme y analizado de textos orales jíbaros con traducción interlineal y traducción adaptada (Colección Mitología Shuar).

Todos los fondos de temática americana están publicados en español, francés, inglés, italiano, alemán y portugués. El publicado más antiguamente es una doctrina cristiana para los indios, escrita por el P. Medina, de 1544 (México) y las traducciones modernas al italiano (1970) y al francés (1979) de la obra clásica del alemán Hans Staden (1557). No hay títulos del siglo XVII y son escasos los del XVIII (el más relevante, tal vez, es el traducido desde el francés al español de Charles Marie de la Condamine (1745/1941). A pesar de ello, hay otros libros de viajeros europeos por el Amazonas de mucho interés, sobre todo del siglo XIX y comienzos del XX, como el del muy famoso viaje del naturalista Bates por el Amazonas (1864), el de Saffray por Nueva Granada (1869), el de Marcoy desde el Pacífico al Atlántico (1872), el de Waterton por Sudamérica (1878), el de Crevaux desde Cayena a los Andes (1882), el de Enock (1908) y el de Hardenburg (1912) por la Amazonía peruana (región del Putumayo), el de Whiffen por el noroeste del Amazonas (1915), los de Up de Graff (1923), Domville-Fife (1925) y Osculati (1929) por la América ecuatorial y el de Theodore Roosevelt por la Amazonía brasileña (1926).

El grueso de los fondos lo configuran muchas obras del siglo XX, sobre todo de su segunda mitad, y, en particular, de los años setenta, ochenta y, sobre todo, de los años noventa. Si bien la mayoría de los volúmenes de temática amazónica publicados hasta 1929 tienen un carácter itinerante o viajero, si no descriptivo-naturalista-geográfico o ambas cosas a un tiempo, los títulos aquí recopilados desde los años treinta en adelante presentan una índole más especializada. Describen la vida cotidiana de los pueblos amazónicos, su cultura material y artística, el entorno ecológico que habitan, su

sostenimiento y uso de drogas con fines espirituales y los problemas de aislamiento y aculturación (casi irresolubles) con que se enfrentan para la supervivencia. En su conjunto, tienen una distinta inspiración a los libros de viajeros anteriores. La finalidad de sus autores suele ser antropológica y museística. Lo primero por su interés en la descripción del contexto cultural de los pueblos amazónicos, en la línea de la antropología estructural. Lo segundo por la pesimista pero arraigada convicción de que se trata de culturas al borde de la extinción y que, por tanto, hay que afanarse en la obtención de datos antes de que desaparezcan.

Además, el MO cuenta con un notable compendio de obras relativas a los pueblos amerindios precolombinos, en particular relacionados con sus formas culturales y artísticas. Cabe hacer una triple división (que reproduce la ordenación espacial de su propietario), de acuerdo con los temas fundamentales: *a)* los fondos de temática amazónica; *b)* los fondos de carácter precolombino sobre los pueblos de América; y *c)* los fondos que tratan de la realidad hispánica de América. De entre ellos, los primeros son, probablemente, los más copiosos, variados e interesantes para los americanistas, en particular, para los lingüistas, historiadores y antropólogos. No consignaremos aquí, por razones de espacio, las obras dedicadas al período hispánico. Hay que hacer constar, de nuevo, que la biblioteca privada del Museo Oriental no es de acceso público, sino que ha sido resultado de muchos años de interés y estudio de cuestiones americanas. Solo la amabilidad del P. Blas Sierra de la Calle nos ha permitido elaborar este pequeño catálogo de una de las bibliotecas privadas sobre la América meridional más interesantes de España.

a) Fondos de temática amazónica

- ACERO C., Gloria y María A. PIANALTO DALLE RIVE (1985): *Medicina indígena. caba-chimborazo*, Quito, Abya-Yala.
- AGUILÓ, Francisco (1987): *El hombre del Chimborazo*, Quito, Colección Mundo Andino, Abya-Yala.
- Amazonía Peruana* (1989, vols 18 y 19) (1990, vols. 19) (1991, 20) (1992, vols. 21 y 22), Lima, CAAAP, revista semestral.
- AMMANN, Olga A. y Giulia BARLETTA (1987): *Civiltà degli altri. popoli, tradizioni, culture che sopravvivono al passato*, Milán, Mondadori.
- ACUÑA DELGADO, Ángel (1992): *Naturaleza y cultura en el bajo Urubamba (Amazonia peruana)*, Granada, Universidad de Granada (sobre amahuacas, yaminahuas y piros).
- AIMI, Antonio *et al.* (1992): *La civiltà e i popoli dell'Amazzonia*, La Spezia, Fratelli Melita.
- ALADRO GARCÍA, Antonio (1979): *Evangelización, cultura y nuevos ministerios en la Amazonia peruana*. Monografía presentada en cumplimiento parcial de los requisitos exigidos para optar al título de Licenciado en Filosofía y Letras, Bogotá, Colombia (tesina no publicada).
- ALLABY, Michael (1981): *Le foreste tropicali*, Novara, Istituto Geografico de Agostini.
- ALLIONI, Miguel y otros (1978): *La vida del pueblo shuar*, Quito, Mundo Shuar.

- AMEZAGA, Elías (1953/1977): *Yo demonio...Andanzas y naveganzas de Lope de Aguirre, fuerte caudillo de los invencibles marañones*, San Sebastián, Ediciones Vascas-EV Argitaletxea.
- AMICH, José (1840/1988): *Historia de las misiones del convento de Santa Rosa de Ocopa*, ed. crítica, introducción e índices de J. Heras, Monumenta Amazónica, B3, Iquitos, CETA/IIAP.
- ARNALOT, José (1982): *Lo que los achuar me han enseñado*, Quito, Mundo Shuar.
- Art Studium (1987): *Vida íntima de los animales de la selva amazónica*, Madrid, Auriga.
- BARROS LARAIA, Roque (1993): *Los indios de Brasil*, Madrid, Mapfre.
- BATES, Henry Walter (1864/1876): *The Naturalist on the River Amazons*, Londres, John Murray (4ª ed.).
- (1863/1984): *El naturalista por el Amazonas. I. Pará*, trad. de M. Pérez, Barcelona, Laertes.
- (1863/1984): *El naturalista por el Amazonas. II. Bajo Amazonas*, traducción de Marta Pérez, Barcelona, Laertes.
- BAUMANN, Peter B. y Erwin P. PATZELT (1978/1979): *Mémoires d'un coupeur de têtes. Récits de Moquimbio sur la vie, les rêves et la magie dans la forêt équatoriale d'Amazonie*, trad. de V. Rosen, París, Seghers.
- BEAZLEY, Mitchell y IUNC (1990): *The Last Rain Forests*, Londres, M. Beazley. Collins, M. (ed.).
- BERGMAN, Roland (1980/1990): *Economía amazónica. Estrategias de subsistencia en las riberas del Ucayali en el Perú*. Edición revisada por el autor, Lima, CAAAP.
- BERNARD, Patrick (1984): *Les oubliés du temps*, París, René Moser.
- BERWICK, Dennison (1993): *Savages. The Life and Killing of the Yanomami*, Londres, Sceptre.
- BIANCHI, César (1983): *Hombre y mujer en la sociedad shuar*, Quito, Mundo Shuar.
- BIANCHI, César y AA VV (1982): *Artesanías y técnicas shuar*, Quito, Mundo Shuar.
- BIEDMA, Manuel y otros (XVII/1989): *La conquista franciscana del Alto Ucayali*, Monumenta Amazónica, B5, Iquitos, CETA/IIAP.
- BISILLIAT, Maureen B., Orlando VILLAS-BÔAS y Cláudio VILLAS-BÔAS (1979): *Xingu. Tribal Territory*, Londres, Collins.
- BONATTI, Walter (1989): *L'ultima Amazonia*, Appiano Gentile (Como), Massimo Baldini.
- BONFIL BATALLA, G. (ed.) (1979): *Indianidad y descolonización en América Latina. Documentos de la Segunda Reunión de Barbados*, México, Nueva Imagen.
- BOTTING, Douglas (1973/1995): *Humboldt y el cosmos. Vida, obra y viajes de un hombre universal (1769-1859)*, Barcelona, del Serbal. Tít. orig.: *Humboldt and the Cosmos*, Londres, George Rainbird Ltd.
- BRACK EGG, A. (coord.) (1997): *Amazonia peruana. Comunidades Indígenas, Conocimientos y Tierras Tituladas. Atlas y bases de datos*, Lima, Perú. (el Cap. 2: «Información lingüística y etnias en la Amazonía peruana» (a cargo de C. Mora B. & A. Zarzar C. (antropólogos), pp. 29-141; Cocama-Cocamilla, pp. 129-31).

- BRAMARD-BLAGNY, Anne (1986): *Mon soleil au Perou. Rencontre avec un sorcier Jivaro*, París, L'Harmattan.
- BRAUN, Barbara (ed.) (1995): *Arts of the Amazon*, Singapur, Thames and Hudson.
- BROSEGHINI, Silvio y Santiago FRUCCI (1986): *El cuerpo humano, enfermedades y plantas medicinales* (entre los shuar), Quito, Abya-Yala (3ª edición).
- BROWN, Michael F. (1984): *Una paz incierta. Historia y cultura de las comunidades aguarunas frente al impacto de la carretera marginal*, Lima, CAAAP.
- BUCHER, Bernardette (1977): *La sauvage aux seins pendants*, París, Hermann, Colección Savoir.
- BURTON, John A. (1973): *Uccelli tropicali*, Novara, Istituto Geografico de Agostini.
- CADE, Adam (1988): *Science for Survival. Plants & Rainforests in the Classroom*, Richmond (RU), The Richmond Publishing Co.
- CARMICHAEL, Elisabeth y Stephen HUGH-JONES (1985): *The Hidden Peoples of the Amazon*, Londres, British Museum.
- Casiciaco (1961), *Revista de los profesores agustinos de la Provincia del Santísimo nombre de Jesús de Filipinas*, 185. Año XVI, julio de 1962.
- CASTIGLIONI, Angelo y Alfredo CASTIGLIONI (1989): *Ultime oasi nella foresta*, Varese, Lativa.
- CHAGNON, Napoleon A. (1992): *Yanomamö. The Last days of Eden*, San Diego, New York y Londres, Harcourt Brace Jovanovich.
- CLARK, Leonard (1957): *I fiumi scendevano a Oriente*, Milán, Garzanti.
- COLLIER, Richard (1981): *Jaque al Barón. La historia del caucho en la Amazonía*, Lima, CAAAP.
- CORBERA, Ángel (comp.) (1983): *Educación y lingüística en la Amazonía peruana*, Lima, CAAAP.
- CHAUMEIL, Jean Pierre (1987): *Ñihamwo. Los yagua del nor-oriente peruano*, Lima, CAAAP (traducción del francés de Mª V. Santolaria de Ruda).
- CHENEVIÈRE, Alain (1986): *Le dernier matin du monde*, Tokyo y París, Hologramme. (cunas, kogis, colorados, waranis, chipayas y tarabuqueños)
- CREVAUX, Jules (1882/1987): *Le mendiant de l'Eldorado. De Cayenne aux Andes. 1876-1879*, París, Phébus.
- (1882/1989): *En radeau sur l'Orénoque. Des Andes aux bouches du Grand Fleuve. 1881-1882*, París, Phébus.
- COLLART ODINETZ, Hervé (1988/1989): *Amazzonia. L'ultima frontiera*, Milán, Giorgio Mondadori.
- COLUCCI, Francesco y Francesco PALLOTTA (1989): *Cara Amazzonia...* Prólogo de F. Quilici, Milán, Sugarco.
- Comisión Amazónica de Desarrollo y Medio Ambiente (1992): *Amazonía sin mitos*, Lima, BID, Programa de la Naciones Unidas para el Desarrollo y Tratado de Cooperación Amazónica.

- Comisión Nacional Quinto Centenario* (1986): *Culturas indígenas de la Amazonía*, Madrid, Biblioteca Quinto Centenario.
- (1988): *El ojo del tótem. Arte y cultura de los indios del noroeste de América*, Madrid y Barcelona, Biblioteca Quinto Centenario.
- COSTALES, Piedad y Alfredo COSTALES (1983): *Amazonía. Ecuador, Perú, Bolivia*, Lima, Mundo Shuar (el cap. II: grupos etnolingüísticos actuales de la Amazonia ecuatoriana, peruana y boliviana, pp. 55-152, parece interesante, pero no clasifica a los chiriguanos como tupí-guaraní, y sí al cocama).
- COUSTEAU, Jacques-Yves y Mose R. RICHARDS (1984/1985): *El viaje de Cousteau por el Amazonas*, Madrid, Urbión. Traducción al español de N. Sánchez.
- DALTON, Stephen D., Georges BERNARD y Andrew MITCHELL (1990): *La foresta tropicale. Un paradiso que scompare*, Novara, de Agostini.
- D'ANS, André-Marcel (1982): *L'Amazonie péruvienne indigène. Anthropologie écologique. Ethno-histoire. Perspectives contemporaines*, París, Payot.
- DE LA CONDAMINE, Charles Marie (1745/1941): *Relación abreviada de un viaje hecho por el interior de la América meridional desde la costa del Mar del Sur hasta las costas del Brasil y de la Guayana siguiendo el curso del río de las Amazonas*, Madrid, Espasa Calpe (trad. de F. Ruiz Morcuende).
- Diáspora* (1985-86): *Anuario Misional*, 7. XVI Centenario de la Conversión de S. Agustín.
- DÍAZ MADERUELO, Rafael (1986): *Los indios de Brasil, un mito permanentemente actualizado*, Madrid, Alhambra.
- (ed.) (1986): *La aventura del Amazonas*, Madrid, Historia 16.
- DOMÍNGUEZ SANABRIA, Jesús (OSA) (1991): *El agustino educador*, Madrid, Revista Agustiniiana.
- DOMVILLE-FIFE, Charles W. (1925): *Among Wild Tribes of the Amazons*, London, Seeley, Service & Co. Limited.
- DONNER, Florinda (1982/1983): *Shabono. El remoto y mágico mundo de los indios iticoteri en la jungla sudamericana*, Barcelona, Planeta. Trad. del inglés de P. Villegas.
- D'ORBIGNY, Alcides (1944): *El hombre americano considerado en sus aspectos fisiológicos y morales*, Buenos Aires, Editorial Futuro.
- DORST, Jean (1987): *Amazonia*, Verona, Edizioni Futuro.
- DOUROJEANNI, Marc J. (1990): *Amazonia ¿Qué hacer?*, Iquitos, CETA.
- EBIN, Victoria (1979): *Corps décorés*, Vitoria, Éditions du Chêne.
- EDICIONES PAULINAS (1976): *Éxodo de la Iglesia en la Amazonía. Documentos pastorales de la Iglesia en la Amazonía peruana*, Lima, Publicaciones CETA (Iquitos).
- ENOCK, C. Reginald (1908): *The Andes and the Amazon. Life and Travel in Peru*, Londres, Fisher Unwin.
- Ethnies. Droits de l'homme et peuples autochtones* (1990): Brésil: Indiens et développement en Amazonie, Paris, Revue de Survival International.

- ESPINOSA, Lucas (OSA) (1935): *Los tupí del oriente peruano. estudio lingüístico y etnográfico*, Madrid, Publicaciones de la Expedición Iglesias al Amazonas.
- (1989): *Breve diccionario analítico castellano-tupí del Perú, sección cocama*, Iquitos, CETA.
- FALDINI, Luisa (1978): *Amazonia*, Novara, De Agostini.
- FAVARATO, Gianni F. y Erich R. TREVISIOL (1993): *Amazzonia, labirinto verde*, Florencia, Giunti.
- FERICGLÀ, Joseph M. (1994): *Los jíbaros, cazadores de sueños*, Barcelona, Integral-Oasis.
- FIGUEROA, Francisco de, Cristóbal de ACUÑA y otros (1600-1684/1986): *Informes de jesuitas en el Amazonas*, Monumenta Amazónica, B1, Iquitos, IIAP/CETA.
- FLORNOY, Bertrand (s.f.): *Jibaro. Tra i riduttori di teste dell'alto Río delle Amazzoni, Roma, Baldini & Castoldi*. Trad. del francés (*Haut-Amazone*) a cargo de E. Sardella.
- FOLETTI-CASTEGNARO, Alessandra (1985): *Tradición oral de los quichuas amazónicos del Aguarico y San Miguel*, Quito, Abya-Yala.
- FREY, Peter *et al.* (1985): *Amazonie*, París y Laussane, Payot y Éditions 24 Heures.
- FUENTES, Aldo (1988): *Porque las piedras no mueren. Historia, sociedad y ritos de los chayahuita del Alto Amazonas*, Lima, CAAAP.
- GABUS, J. (dir.) (1975): *Amazonie nord-ouest*, Neuchâtel, Musée d'Ethnographie de Neuchâtel.
- GALLAVRESI, Lucilla (1969): *Gli Indios nelle Società latino-americane*, Milán, Federico Motta.
- GARCÍA, Joasquín (OSA) y otros (1981): *Navidad en la selva. 17 relatos amazónicos. Concursos navideños*, Iquitos, CETA.
- GARCÍA, J. (OSA) (1980): *Por los caminos de América. Documentos de la Organización de Agustinos de América Latina (OALA)*, Iquitos, CETA.
- (1985): *Juan Pablo II en Iquitos. Memoria de una visita*, Iquitos, CETA.
- GARCÍA, Lorenzo (OCD) (1985): *Historia de las misiones en la Amazonía ecuatoriana*, Quito, Abya-Yala.
- GARCÍA RIVERA, Fernando (recop.) (1993): *Etnohistoria shipibo. Tradición oral shipibo-conibo*, Lima, Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica (CAAAP).
- GHEERBRANT, Alain (1988): *L'Amazone, un géant blessé*, Italia, Gallimard.
- (1989): *El Amazonas, un gigante herido*, trad. de Irene Echevarría Soriano, Madrid, Aguilar.
- GERHARDS, Eva (1980): *Blackfoot-Indianer*, Innsbruck y Frankfurt am Main, Penguin y Umschau.
- GOBIERNO REGIONAL DE LORETO y UNICEF (1991): *Medio ambiente amazónico y niñez*, Perú, Programa Sub-regional Amazónico.
- GOULDING, Michael (1989): *Amazon. The Flooded Forest*, Londres, BBC Books.
- GRANT, Neil (1986): *Life in the Rainforest*, Londres, Macdonald & Co.
- GRAS, Pierre (1981): *L'autre Pérou. L'intégration des Indiens: mythe ou réalité?*, París, Federop.

- GRAY, A. (1987): *The Amerindians of South America. The Minority Rights Group*. Report no. 15, Londres, MRG.
- GREENAWAY, Teresa (1994): *La selva*, Madrid, Santillana. Traducción al español de M. T. González Jaén.
- GUALLART, José María (SJ) (1987): *Cuentos de la perra cazadora*, Piura, Colegio «Valentín Salegui» y CAAAP (cuentos aguarunas).
- (1989): *El mundo mágico de los aguarunas*, Lima, CAAAP.
- (1990): *Entre pongo y cordillera. Historia de la etnia aguaruna-huambisa*, Lima, CAAAP.
- GUTIÉRREZ NEYRA, Javier (1992): «Los que llegaron después...» *Estudio del impacto cultural de las denominaciones religiosas no católicas en Iquitos*, Iquitos, CETA.
- HANBURY-TENISON, Robin (1973): *A Question of Survival for the Indians of Brazil*, Londres, Angus and Robertson.
- HANBURY-TENISON, Robin *et al.* (1982): *Les aborigènes de l'Amazonie. Les yanomami*, Amsterdam, Time-Life.
- HARDENBURG, Wilhelm E. (1912): *The Putumayo. The Devil's Paradise. Travels in the Peruvian Amazon Region and an Account of the Atrocities Committed upon the Indians Therein*, Londres, T. Fisher Unwin.
- HARGOUS, Sabine (1975/1985): *Les appeleurs d'âmes. L'univers chamanique des indiens des Andes*, París, Robert Laffont /Albin Michel.
- HARNER, Michael J. (1972/1977): *Les Jivaros, hommes des cascades sacrées*, trad. del inglés de A. Richard (*The Jivaros*, Nueva York, Doubleday), París, Payot.
- HEISE, María, Fidel Tubino y Wilfredo Ardito (1992): *Interculturalidad: un desafío*, Lima, CAAAP.
- HEMMING, John (1978/1995): *En busca de El Dorado*, Barcelona, Ediciones del Serbal. Tít. orig.: *The Search for El Dorado*, Unesco, Comisión Nacional Colombiana de la Unesco (trad.: Xavier Lariña).
- (1978/1982): *Storia della conquista del Brasile*, Milán, Rizzoli (trad.: italiana de la obra inglesa *Red Gold*, Londres, MacMillan, Paola Montagner).
- HENLEY, Paul (1982): *Indios del Amazonas*, Madrid, Espasa-Calpe.
- HERTZ, John B. (1989): *Arquitectura tropical. Diseño bioclimático de viviendas en la Selva del Perú*, Iquitos, CETA.
- HORTEGÓN, Diego y Toribio de ORTIGUERA, conde de Lemos y otros (1559-1621/1989): *La Gobernación de los Quijos*, introducción de C. Landázuri N., Monumenta Amazónica, A1, Iquitos, IAP/CETA.
- HUGH-JONES, Stephen (1979): *The Palm and the Pleiades. Initiation and Cosmology in Northwest Amazonia*, Cambridge, Londres, Cambridge University Press.
- HUXLEY, Francis (1960/1985): *Aimables sauvages*, París, Plon. Trad. a cargo de M. Lévi-Strauss.
- ICAZA, Jorge (1979): *Huasipungo*. Novela, Barcelona, Plaza & Janés.

- IGLESIAS, Genny (1986): *Hierbas medicinales de los quichuas del Napo. Enfermedades femeninas y enfermedades del «susto»*, Quito, Abya-Yala (complemento de Iglesias 1986).
- (1987): *Hierbas medicinales de los quichuas del Napo*, Quito, Abya-Yala.
- Instituto de Cooperación Iberoamericana (1988): *Historia natural de Iberoamérica*, Madrid, Ibarra.
- Istituto Italo-Latino Americano (1979): *Simposio Internazionale sulla Medicina Indigena e Popolare dell'America Latina*, Roma, IILA.
- JOHNSON, Craig *et al.* (1989): *Rainforests. Land Use Options for Amazonia*, Londres, Berwick.
- KANATARI (1984-1985): Semanario de actualidades. Tomo I, nº 1-50 (amanecer en cocama), Iquitos, CETA. (director, Joaquín García); *Kanatari* (2000) Semanario de actualidades. Año XVII, nº 850. Vicariato Apostólico de Iquitos. Primer Centenario. Edición extra.
- KOCK-GRÜNBERG, Theodor (recop.) (1920/1992): *Favole e miti dell'Amazzonia*, Milán, Xenia. Trad. de la obra alemana *Indianermärchen aus Südamerika*, Jena, a cargo de L. Magliano e I. Sordi.
- KROEGER, Axel y Elena ILECHKOVA (1983): *Salud y alimentación entre los Shuar*, Quito, Mundo Shuar.
- KÜSS, Danièle y Jean TORTON (1988): *L'Amazonie. Mythes et Légendes*, París, Hachette.
- LATHRAP, Donald W. (1970): *The Upper Amazon*, Southampton, The Camelot Press.
- LAURO, Anna Maria (coord. y ed.) (1991): *Medio ambiente amazónico y niñez*, Loreto, UNICEF y Gobierno Regional de Loreto.
- LEIGHEB, Maurizio (1977): *L'indio muore. Origine vita e destino degli Indios*, Milán, Sugarco.
- LÉVI-STRAUSS, Claude (1955/1976): *Tristes trópicos*, Buenos Aires, Editorial Universitaria. Traducción de Noelia Bastard.
- LIZOT, Jacques (1984): *Les yanômami centraux*, París, Éditions de l'École des Hautes Études en Sciences Sociales.
- MARCOY, Paul (1872): *A Journey across South America from the Pacific Ocean to the Atlantic Ocean* (vols. I, II, III y IV), Londres, Blackie and Son, Paternoster Buildings.
- MARONI, Pablo (1738/1988): *Noticias auténticas del famoso río Marañón (1738), seguidas de las relaciones de los P.P. A. de Zárate y J. Magnin (1735-1740)*, ed. crítica, introducción e índices a cargo de J. P. Chaumeil, Monumenta Amazónica, B4, Iquitos, CETA/IIAP.
- MAZA, Michele (1982): *L'Amazzonia*, Milán, Fabbri.
- MCEWAN, Colin, Cristiana BARRETO y Eduardo NEVES (eds.) (2001): *Unknow Amazon. Culture in Nature in Ancient Brazil*, Londres, The British Museum Press.
- MEDINA, M. Á. (1544 y 1548/1987): *Doctrina cristiana para instrucción de los indios. Redactada por Fr. Pedro de Córdoba, O. P. y otros religiosos doctos de la misma Orden. Impresa en México (1544 y 1548)*, (edición facsimilar y transcripción), Salamanca, Editorial San Esteban.

- MEE, Margaret (1989): *Margaret Mee in Search of Flowers of the Amazon Forests. Diaries of an English Artist reveal the beauty of the vanishing rainforest*. Ed.: T. Morrison, Suffolk, Nonesuch Expeditions.
- MELDOLESI, Bindo *et al.* (1996): *Roraima. Viaggi ed esplorazioni tra gli indios*, Villa del Conte, Edizioni del Noce.
- MENEZES, M. N. (1983): *Amerindian Life in Guyana*, Georgetown, Ministry of Education.
- MERCIER, H., Juan MARCOS (1979): *Nosotros los Napu-Runas. Napu-Runapa Rimay. Mitos e historia en kichwa-castellano*. Libro de lectura, 3, Iquitos, Publicaciones CETA.
- MÉTRAUX, Alfred (1946/1982): *Les indiens de l'Amérique du Sud*, París, Éditions A. M. Métailié.
- (1967): *Religions et magies indiennes d'Amérique du Sud*, París, Gallimard.
- (1967/1971): *Religioni e riti magici indiani nell'America meridionale*, Milán, Il Saggiatore (trad. italiana de Métraux (1967)).
- MEUNIER, Jacques y Anne-Marie SAVARIN (1969/1970): *Il canto del silbaco. Massacro in Amazonia*, Turín, Arnaldo Bolla. Trad. al italiano a cargo de D. Bolla de la obra francesa *Le chant du Silbaco-Massacre en Amazonie*, París, Premières.
- MICHELENA Y ROJAS, Francisco (1867/1989): *Exploración oficial*, ed. crítica, introd. e índices a cargo de N. Arvelo-Jiménez y H. Biord Castillo, Monumenta Amazónica, C1, Iquitos, CETA-IIAP.
- MILANESIO, R. (1986): *Gli ultimi shuar*, Cuneo, L'Arciere.
- MILLER, R. R. (1968/1983): *Por la ciencia y la gloria nacional: La expedición científica española en América (1862-1866)*, Barcelona, Ed. del Serbal. Tít. orig.: *For Science and National Glory: The Spanish Expedition to America 1862-66*, University of Oklahoma Press.
- MISIONES AGUSTINIANAS (1953): *Álbum Recordatorio del Cincuentenario de la llegada de los Padres Agustinos a Loreto (1901-1951)*, Lima, Antonio Lulli.
- MONTOYA SÁNCHEZ, Javier (OFM) (1973): *Antología de Creencias, Mitos, Teogonías, Leyendas y tradiciones de Algunos Grupos Aborígenes Colombianos*, Bogotá, Imprenta Municipal.
- MORÁN, Emilio F. (1990/1993): *La ecología humana de los pueblos de la Amazonia*, México, Fondo de Cultura Económica.
- MORRISON, Marion (1985): *Indians of the Amazon*, Sussex, Wayland.
- MOWAT, Linda (1989): *Cassava and Chicha. Bread and Beer of the Amazonian Indians*, Haverfordwest, C. I. Thomas & Sons.
- Mundo Shuar* (1977), nº 1, serie «G» (Cantos de amor); 1977, nº 1, serie «A» (Animales); 1978 (Actividades y técnicas); 1978, nº 3 (La familia y la vida social); 1976, nº 6 (La evangelización del pueblo shuar); 1977, nº 11, serie «B» (La casa achuar y el ambiente); 1977, nº 12 (El peinado y las posiciones corporales); 1980, nº 4, serie «D» (Ortografía shuar).
- Musée d'Ethnographie de Genève* (1986): *L'art de la plume. Indiens du Brésil*, Ginebra, Musée d'Ethnographie (catálogo de exposición).

- NARBY, Jeremy (1990): *Amazonie. L'espoir est indien*, Mesnil-sur-l'Estrée, Favre.
- NEWMAN, Arnold (1990): *Les forêts tropicales. Comment les sauver?*, París, Larousse.
Traducción al francés a cargo de P. Leraut.
- NOLTE MALDONADO, Rosa María Josefa (1991): *Qellcay. Arte y vida de Sarhua. Comunidades campesinas andinas*, Lima, Imagen editores.
- NÚÑEZ JIMÉNEZ, Antonio (1993): *En canoa del Amazonas al Caribe* (prólogo de Gabriel García Márquez), Iquitos, CETA.
- Obispos de la Amazonía Peruana* (1997): *Reflexiones pastorales en torno al medio ambiente en la Amazonía Peruana*, Lima, CAAAP.
- ORDINAIRE, Olivier (1892/1988): *Del Pacífico al Atlántico y otros escritos*. Monumenta Amazónica, Iquitos, CETA-IIAP.
- OSCULATI, Gaetano (1929): *Esplorazioni nell'America equatoriale* (vols. I y II), Milán, Edizioni 'Alpes'.
- PELAYO LÓPEZ, Francisco (ed.) (1990): *Pebr Löffling y la expedición al Orinoco. 1754-1761*, Madrid, Turner Libros/Quinto Centenario.
- PELLIZZARO, Siro (SDB) (1974): *Mitología shuar. Vol. XI. Uwi. Celebración de la vida y de la fecundidad*, Quito, Mundo Shuar.
- (1976): *Mitología shuar. Vol. I. Arutam. Mitos de los espíritus y ritos para propiciarlos*, Quito, Mundo Shuar.
- (1977): *Mitología shuar. Vol. X. Shakaím. Mitos de la selva y del desmonte*, Quito, Mundo Shuar.
- (1978): *Mitología Shuar. Vol. III. Uwishin. Iniciación, ritos y cantos de los chamanes*, Quito, Mundo Shuar.
- (1978): *Mitología shuar. Vol. VIII. Nunkui. El modelo de la mujer shuar*, Quito, Mundo Shuar.
- (1980): *Mitología shuar. Vol. II. Tsunki. El mundo del agua*, Quito, Mundo Shuar.
- (1980): *Mitología Shuar. Vol. IV. Wee. Mitos de la sal y ritos para obtenerla*, Quito, Mundo Shuar.
- (1980): *Mitología shuar. Vol. V. La reducción de cabezas cortadas*, Quito, Mundo Shuar.
- (1980): *Mitología shuar. Vol. IX. Tsantsa. la celebración de la cabeza cortada*, Quito, Mundo Shuar.
- (1980): *Mitología shuar. Vol. XII. Iwianch. El mundo de los muertos*, Quito, Mundo Shuar.
- (1982): *Mitología shuar. Vol. VII. Etsa. El modelo del hombre shuar*, Quito, Mundo Shuar.
- (1985): *Mitología shuar. Vol. VI. Etsa e iwia. La lucha eterna*, Quito, Mundo Shuar (2ª edición).
- PELLIZZARO, Siro, Jean ARNALOT y Sergio BROSEGHINI (1978): *La muerte y los entierros*. Mundo Shuar, nº 13, Sucua, Ecuador.

- PELOSO, Silvano (1988): *Amazzonia. Mito e letteratura del mondo perduto*, Roma, Editori Riuniti/Albatros.
- PEREIRA DE BERREDO, Bernardo (1749/1989): *Annaes historicas do estadio do Maranhão em que se dá noticia do seu descubrimento, e tudo mais que nelle tem sucedido desde o anno em que foy descoberto até o de 1718*, Iquitos, Monumenta Amazónica, C2, CETA, Abya-Yala y IIAP.
- PÉREZ, María Teresa (1989): *El descubrimiento del Amazonas. Historia y mitos*, Sevilla, Alfar.
- PÉREZ MIGUEL, Aurora (1996): *Otras gentes, otros lugares (Recuerdos de una viajera)*, Madrid, Desnivel.
- PERRIN, Michel (1976/1983): *Le chemin des Indiens morts. Mythes et symboles goajiro*, París, Payot.
- PEZZETTA, Silvano (1972): *Ragazzo indio*, Milán, Fratelli Fabbri.
- PICUCCI, Egidio (1982): *Missionari all'inferno*, Perugia, Frate Indovino.
- PIERRE, François (1889/1983): *Viaje de exploración al Oriente ecuatoriano*, Quito, Abya-Yala. Traducción al español del original francés *Voyage d'exploration d'un missionnaire français chez les tribus sauvages de l'Equateur* a cargo del P. J. M^a Vargas y de I. Robalino.
- PINHEIRO, Pedro Inácio y Manoel ADÉRCIO CUSTODIO (1986): *Indios della valle del Javari. Per la sopravvivenza delle popolazioni indigene della valle del Javari*, San Pablo (mecanoscrito).
- POMEROY, Cheryl (1986): *El significado de la sal para las culturas andino-ecuatorianas*, Quito, Abya-Yala.
- POPESCU, Petru (1991/1992): *Los misterios del Amazonas*, Barcelona, Plaza & Janés. Tít. orig.: *Amazon Beaming*, Viking, Nueva York. Trad.: D. Santos.
- QUILICI, Folco (1981): *Gli ultimi uomini*, Milán, Rizzoli Editori.
- RE, Giorgio y Frabrizio RE (1990): *Amazzonia: gli ultimi yanomami. L'avventura di due medici fra gli indi dell'Amazzonia*, Turín, Point Couleur.
- REGAN, J. (SJ), A. P. AGKUASH, A. U. YAGKUG & I. P. SUKAI (1991): *Chichasajmi. Hablemos aguaruna 1*, Lima, CAAAP.
- REICHEL-DOLMATOFF, Gerardo (1996): *The Forest Within. The World-View of the Tukano Amazonian Indians*, Devon, Themis Books.
- REYNA, Ernesto (1941): *Fitzcarrald, el rey del caucho*, Lima, P. Barrantes C.
- RIBEIRO, Darcy (1973/1990): *Frontiere indigene della civiltà. Gli indios del Brasile fino agli anni '60*, Milán, Jaca Book.
- RODRÍGUEZ, Manuel (1990): *El descubrimiento del Marañón*. Edición de Ángeles Durán, Madrid, Alianza Editorial, Quinto Centenario.
- RODRÍGUEZ DE LA FUENTE, Félix (1990): *Enciclopedia Salvat de la Fauna. Sudamérica*, Barcelona, Salvat.
- RODRÍGUEZ VARGAS, Marisol (1993): *Desplazados de la selva central. El caso de los ashaninka. Documentos de Trabajo*, Lima, CAAAP.

- ROOSEVELT, Theodore (1926): *Through the Brazilian Wilderness*, Nueva York, Charles Scribner's Sons.
- ROUTHIER, Alexandre (1926/1989): *La plante qui fait les yeux émerveillés. Le peyotl, suivi des plantes divinatoires*, París, Éditions de la Maisnie.
- RYAL MILLER, Robert (1968/1983): *Por la ciencia y la gloria nacional. La expedición científica española a América (1862-1866)*, Barcelona, Ediciones del Serbal.
- SAFFRAY, Charles (1869/1990): *Voyage à La Nouvelle-Grenade. Un voyageur français découvre le monde indien. 1869-1890*, París, Phébus (prólogo de Álvaro Mutis).
- SAN ROMÁN, Jesús (OSA) (1975): *Perfiles históricos de la Amazonía peruana*, Lima, Ediciones Paulinas.
- (1975): *Perfiles históricos de la Amazonía peruana*, Iquitos, CETA-CAAAP-IIAP (2ª ed.).
- SCHNEEBAUM, Tobias (1969/1973): *Au pays des hommes nus*, París, Stock. Trad. del inglés por J.-B. Blandenier (*Keep the River on your Right*, Nueva York, Grover Press).
- SCHREIDER, Helen y Frank SCHREIDER (1970/1975): *Explorando el Amazonas*, Barcelona, Nauta (tít. orig.: *Exploring the Amazon*, Gütersloh, Mohndruck, National Geographical Society (trad. de E. Riambau).
- Shupihui* (1979): Revista de la Coordinación Pastoral de la Selva del Perú, Iquitos, CETA. nº 8, nº 9, nº 10; *Shupihui* (1980) nº 13, nº 14; *Shupihui* (1980) nº 15; *Shupihui* (1981) nº 17, nº 19; *Shupihui* (1982) nº 22; *Shupihui* (1982) Homenaje al Padre Jesús Víctor San Román. Nº extraordinario, nº 23-24; *Shupihui* (1983), nº 25, nº 26. (Nº extraordinario), nº 27; *Shupihui* (1985) nº 33, nº 34; *Shupihui* (1986) nº 37; *Shupihui* (1986) nº 39-40.
- SIERRA DE LA CALLE, Blas (OSA) (1992): *Indios amazónicos. La vida en la selva tropical*, Valladolid, Estudio Agustiniiano y Museo Oriental.
- (1993): *Los yagua: una tribu amazónica. Relaciones de varios Misioneros Agustinos de principios del siglo XX*, Valladolid, Estudio Agustiniiano, Cuadernos del Museo Oriental de Valladolid nº 3.
- SMITH, Anthony (1990): *Explorers of the Amazon*, Harmondsworth, Penguin Books Ltd.
- SMITH, Charlotte Seymour (1988): *Shiwiari. Identidad étnica y cambio en el río Corrientes*, Quito y Lima, Abya-yala y CAAAP (jíbaros).
- SMITH SIDES, Dorothy (1936/1961): *Decorative Art of the Southwestern Indians*, Nueva York, Dover.
- SPAHNI, Jean-Christian, Rudolph Moser et al. (1986): *Les indiens d'Amérique du Sud*, Zurich, Editions Silva.
- STADEN, Hans (1557/1970): *La mia prigionera tra i cannibali 1553-1555*. A cura di A. Guadagnin (traducción, introducción y notas del texto alemán de 1557).
- (1557/1979): *Nus, féroces et anthropophages*, París, Éditions A. M. Métailié. Trad. del texto alemán de 1557: H. Ternaux Compans, con un texto de A. Thoret y presentación de M. Bouyer y J. P. Duviols.

- STERLING, Tom (1973/1975): *L'Amazzonia. Le grandi distese selvagge*, Amsterdam, Time-Life. Traducido del inglés por L. Magliano.
- STEWART, Julian H. (ed.) (1950): *Handbook of South American Indians*, vol. 6: *Physical Anthropology, Linguistics and Cultural Geography of South American Indians*, Washington, Government Printing Office. (part 3. The Languages of South American Indians, by J. Alden Mason, 157-317).
- STING y Jean-Pierre DUTILLEUX (1989): *Amazzonia, la lucha por la vida*, Barcelona, Debate-Círculo.
- TESSMANN, Günther (1930): *Die Indianer Nordost-Perus. Grundlegende Forschungen für eine Systematische Kulturkunde*, Hamburgo, Griederichsen, De Gruyter & Co.
- TIACCI, Ennio (OFM Cap.) y otros (1985): *I cappuccini umbri in Amazzonia*, Asís, Voce Serafica di Assisi, n° 3/4/5, mayo-diciembre.
- (1987): *Dalla canoa al motore. Vita dei missionari cappuccini umbri in Amazzonia*, Perugia, Guerra.
- TILLOTSON, John (s.f.): *The Golden Americas. A Story of Great Discoveries and Daring Needs*, Londres, Ward, Lock and Tyler.
- TRUPP, Fritz (1981/1982): *Les derniers indiens*, París, Fournier Diffusion.
- TUBINO, Fidel & Óscar ESPINOSA (1992): *Violencia y narcotráfico en la Amazonía*, Lima, CAAAP.
- TURVASI, Francesco (MSC) (1988): *Giovanni Genocchi and the Indians of South America (1911-1913)*, Roma, Editrice Pontificia Università Gregoriana, Miscellanea Historiae Pontificiae, vol. 55.
- UP DE GRAFF, Fritz W. (1923): *Head-Hunters of the Amazon. Seven Years of Exploration and Adventure*, Londres, Herbert Jenkins Ltd.
- (1923/1928): *Cazadores de cabezas del Amazonas. Siete años de exploración y aventuras*, Madrid, Espasa Calpe. (trad.: Julia Héctor de Zaballa).
- URIARTE, Manuel J., (SJ) (1774/1986): *Diario de un misionero de Maynas*, transcripción, introducción y notas del P. C. Bayle, S.J. (1952), Monumenta Amazónica, B2, Iquitos, IIAP/CETA.
- URTEAGA CABRERA, Luis (1991/1995): *L'univers enchanté des Indiens Shipibos. Une version littéraire des mythes et légendes de la tradition orale shipibo-conibo*. Texte français, introduction et notes par André-Marcel d'Ans, París, Gallimard, L'aube des peuples,
- UZTARROZ, Ricardo y Jean-Jacques SÉVILLA (dirs.) (1990): *Amazonie. La foire d'empoigne*, París, du Seuil.
- VV AA (1983): *Los indios del Brasile*, Roma, De Luca Editore.
- (1983): *Arte Plumária do Brasil*, São Paulo, Bienal de São Paulo.
- (1987): *Culturas y drogas*, Madrid, Ministerio de Cultura.
- (1992): *Amazzonia sin mitos*, Comisión Amazónica de Desarrollo y Medio Ambiente.
- VARELA TORRECILLA, Carmen (1995): *Catálogo de arte plumario amazónico del Museo de América*, Madrid, Ministerio de Cultura.

- VÁZQUEZ, Francisco (1562/1987): *Jornada de Omagua y Dorado. Relación verdadera de todo lo que sucedió en la expedición (1560-1561)*, Madrid, Ediciones Grech.
- (1562/1981): *Aguirre alla ricerca dell'Eldorado. Relazione sul viaggio del conquistador folle nella giungla amazzonica (1560-1561)*, Milán, Savelli Editori. Trad. de P. Brogi.
- VELLARD, Jean (1965): *Histoire du curare. Les poissons de chasse en Amérique du Sud*, Paris, Gallimard.
- VERSWIJVER, Gustaaf (1996): *Mekranoti. Living among the Painted People of the Amazon*, Múnich y Nueva York, Prestel. (Un antropólogo belga entre los kaiapó de Brasil).
- VIDAL, Ramón (1975): *Museu Etnogràfic-Missional dels Caputxins de Catalunya. Guia Comentada, Barcelona-Sarrià*, Fomento.
- VILLAREJO, Avencio (OSA) (1957): *Geografía del Perú*, Lima, Sanmartí y Cia. (1º y 2º año).
- (1943): *Así es la selva. Estudio geográfico y etnográfico de la Provincia de bajo Amazonas*, Lima, Compañía de Impresiones y Publicidad (2 ejemplares, 1 fotocopiado).
- (1953): *Así es la selva. estudio monográfico de la Amazonía Nor-oriental del Perú. Maynas-Loreto-Requena*, Lima, Sanmartí y Cia. (2º edición reformada y aumentada).
- (1959): *La selva y el hombre. Estudio antropocsmológico del Aborigen Amazónico*, Lima, Editorial Ausonia.
- (1979): *Así es la selva. Estudio monográfico de la Amazonía peruana*, Iquitos, CETA (3ª edición) (2 ejemplares).
- (1988): *Así es la selva*, Iquitos, CETA (4ª edición a cargo del P. Joaquín García, OSA).
- VILLAS-BÓAS, Orlando y Cláudio VILLAS-BÓAS (1979): *Xingu, Tribal Territory*, Londres, Collins.
- VON HAGEN, Victor (1976): *L'Eldorado. Alla ricerca dell'uomo d'oro*, Milán, Rizzoli (trad.: Lydia Magliano de la versión inglesa: *The Golden Man-The Quest for el Dorado*).
- (1955/1981): *Scienziati-esploratori alla scoperta del Sudamerica. I viaggi avventurosi di Charles-Marie de La Condamine, Alexander von Humboldt, Charles Darwin e Richard Spruce*, Milán, Rizzoli.
- WALLACE, Alfred R. (1889/1984): *Una narración de viajes por el Amazonas y el Río Negro. Monumenta Amazónica*, Lima, CETA-IIAP.
- WAWRIN, marquis de (1979): *Rites, magie et sorcellerie des indiens de l'Amazonie*, Mónaco, Éditions du Rocher.
- WIENER, Carlos, Jules CREVAUX, Daniel CHARNAY *et al.* (1884): *América pintoresca. Descripción de viajes al Nuevo Continente por los más modernos exploradores*, Barcelona, Montaner y Simón.
- WATERTON, Charles (1878/1984): *Wanderings in South America*, Bungay, Suffolk, Century Publishing Co. (intr.: D. Bellamy).
- WHIFFEN, Thomas (1915): *The North-West Amazons. Notes of Some Months Spent among Cannibal Tribes*, Londres, Constable and Company Ltd.
- WHITFIELD, Paul y otros (1980/1981): *Giungla. Un mondo verde*, Milán, Rizzoli.

- WHITTEN, Jr., E. NORMAN y otros (1985): *Amazonía ecuatoriana. La otra cara del progreso*, Quito, Abya-Yala (2ª edición)..
- WIERHAKE, Gunda (1985): *La cultura material shuar en la historia. Estudio de las fuentes del siglo XVI al XIX*, Quito, Abya-Yala, Mundo Shuar.
- WINKLER, Hansgeorg (1978): *Führer zur Ausstellung Campa-Indianer*, Múnich, Staatliches Museum für Völkerkunde.
- ZERRIES, Otto (1980): *Untern Indianern Brasilien. Sammlung Spix und Martius 1817-1820*, Innsbruck, Penguin.

b) Fondos de temática precolombina

- AGUILERA, Carmen (1985): *El arte oficial tenochca. Su significación social*, México DF, Universidad Nacional Autónoma de México.
- ALONSO SAGASETA, Alicia (1993): *Arqueología amazónica*, Akal Las Américas, Madrid, Akal.
- ALCINA FRANCH, José (1978): *L'art précolombien*, París, Lucien Mazenod.
- (1991): *El Arte Precolombino*, Madrid, Bibliotec Básica de Arte, Anaya.
- ANTON, Ferdinand (1984/1987): *Ancient Peruvian Textiles*, Londres, Thames & Hudson Ltd.
- ANTON, Ferdinand y Frederick J. DOCKSTADER (1967): *L'arte nell'antica America (200 a. C.-1500 d. C.)*, Milán, Rizzoli.
- AROLA, Rita (coord.) (1992): *Arqueología de las ciudades perdidas. Vol. 2. Mayas y aztecas*, Barcelona, Salvat.
- AVELEYRA ARROYO DE ANDA, Luis (1964): *Obras selectas del arte prehispánico (Adquisiciones recientes)*, México, Museo nacional de Antropología.
- Ayuntamiento de Barcelona* (1972): *Catálogo de la Exposición de Etnología y Arte Popular Mexicano*, Barcelona, Palacio de la Virreina.
- (1985): *Art Pre-colombí en col·leccions privades catalanes*, Barcelona, Palau de la Virreina (catálogo de la exposición).
- BALDUCCI, Ernesto (1992): *Montezuma scopre l'Europa. Il senso di un centenario*, Fiesole, Cultura della Pace.
- BANDINELLI, Giuliana (1967/1979): *Civiltà precolombiane. 1. Maya e Aztechi*, Turín, Loerscher.
- BANDINELLI, Giuliana (1967/1980): *Civiltà precolombiane. 2. Inca*, Turín, Loerscher.
- BANKES, George (1980): *Moche Pottery from Peru*, Oxford, University Press.
- (1989): *Peruvian Pottery*, Haverfordwest (RU), Shire Publications.
- BATEMAN, Penny (1988): *Great Civilizations. Aztecs and Indians AD 1300-1532*, Londres, Nueva York, Toronto, Sydney, Franklin Watts.
- BACQUEDANO, Enrique (1993/1994): *Aztecas, incas y mayas*, Madrid, Santillana. Trad. al español de la obra inglesa *Aztec*, a cargo de P. Barbadillo.

- BAUDEZ, Claude-François (1975): *America centrale. Col. Archeologica Mundi. Enciclopedia Archeologica*, Roma, Ginebra, París, Múnich, Nagel.
- BAUDEZ, Claude-François y Pierre BECQUELIN (1985): *I Maya*, Milán, Rizzoli. Trad. al italiano del francés *Les Maya*, París, Gallimard, a cargo de M. Lenzini *et al.*
- BAUDEZ, Claude y Sidney PICASSO (1988): *Les cités perdues des Mayas*, París, Gallimard.
- BERNARD, Carmen (1988): *Les incas, peuple du Soleil*, París, Gallimard.
- BIRMINGHAM, Duncan (1984): *The Maya, Aztecs and Incas Pop-up*, Ipswich, Ancien House y British Museums Publications.
- BONFIL BATALLA, Guillermo y otros (1979): *Indianidad y descolonización en América Latina*, México, Nueva Imagen.
- BOSCH-GIMPERA, Pedro (1970): *L'America precolombiana*, Turín, Unione Tipografico-Editrice Torinese. Trad. de P. Pignata.
- BOSI, Roberto (1976): *La ceramica orientale, africana e precolombiana*, Faenza, Faenza Editrice.
- BRAVO GUERREIRA, María de la Concepción (1991): *Los señores de los Andes: entre el Cauca y el Potosí*, Madrid, Akal Las Américas, Akal.
- BRAY, W. (1979): *Gold of El Dorado: The Heritage of Colombia*, Nueva York, H. N. Abrams.
- BROTHERSON, Gordon (1995): *Painted Books from Mexico. Codices in UK Collections and the World They Represent*, Milán, British Museum Press.
- BURENBULT, Göran (ed.) (1994/1995): *Nuevos mundos, nuevos horizontes. Incas, mayas y aztecas*, Madrid, Debate/Círculo de Lectores. Trad. de F. Chueca.
- BURLAND, Charles y Werner FORMAN (1975/1978): *Aztechi. Mito, storia, civiltà*, Novara, Istituto Geografico De Agostini.
- BURLAND, Charles (1979): *Gli incas*, Milán, Garzanti.
- CABELLO CARRO, Paz (1980): *Desarrollo Cultural en Costa Rica precolombina*, Madrid, Patronato Nacional de Museos.
- CAVATRUNCI, Claudio y otros (1992): *Centro America, Tesori d'Arte delle Civiltà Precolombiane*, Milán, Fabbri.
- CERVANTES, María Antonieta (1978): *Les trésors de l'Ancien Mexique. Musée National d'Antropologie*, Barcelona, Geocolor.
- (1978): *National Anthropological Museum (México)*, Barcelona, Geocolor.
- COE, Michael, Dean SHOW y Elisabeth BENSON (s.f): *Atlante dell'Antica America*, Roma, Istituto Geografico De Agostini. Traducción de P. Scarduelli.
- CRONAU, Rodolfo (1892): *América. Historia de su descubrimiento desde los tiempos primitivos hasta los más modernos*, Barcelona, Montaner y Simón (tomos I, II y III).
- CROSER, Judith (1976/1977): *Gli aztechi*, Milán, Garzanti. Traducción del inglés de M. Rescaldani.
- (1978/1979): *Gli Incas*, Milán, Garzanti. Traducción al italiano de la obra inglesa *The Incas*, Macdonald International, a cargo de B. B. Ellena.

- CUESTA DOMINGO, Mariano (1980): *Arqueología andina*: Perú, Madrid, Ministerio de Cultura.
- DISSELHOFF, Hans-Dietrich (1972/1978): *El imperio de los incas y las primitivas culturas indias de los países andinos*, Barcelona, Aymá. Trad. al español del original a cargo de J. Costa.
- DISSELHOFF, Hans-Dietrich y Sigvald LINNÉ (1960/1961): *Antica America*, Milán, Il Saggiatore. Trad. de M. A. Magrini.
- DOCKSTADER, Frederick J. (1965): *Arte precolombiana nell'America Centrale*, Milán, Silvana Ed. d'Arte.
- DUEÑAS LEIVA, Francisco Tomás (1994): *Las monedas tipo de Costa Rica*, San José de Costa Rica, EUNED.
- DUQUE GÓMEZ, Luis (1982): *Museo del Oro*. Colombia, Banco de la República, Bogotá, Delroisse.
- ESCRIBANO, Javier (1981): *Perú. Manual de simbolismo y arqueología*, Madrid, Nueva Acrópolis.
- FERRERO, Luis (1981): *Costa Rica precolombina. Arqueología, etnología, tecnología, arte*, San José, Editorial Costa Rica (4ª edición).
- FURST, Peter T. (1976/1981): *Allucinageni e cultura. Le droghe sacramentali nelle grandi civiltà mesoamericane*, Roma, Cesco Ciapanna.
- GENDROP, Paul y Doris HEYDEN (s.f.): *Architettura Mesoamericana*, Venecia, Electa Editrice.
- GRAULICH, Michel (1987/1990): *Mitos y rituales del México antiguo*, Madrid, Istmo. Trad. al español del francés *Mythes et rituels du Mexique ancien préhispanique*, a cargo de A. Barral Gómez.
- GRUZINSKI, Serge (1987): *Le destin brisé de l'Empire Aztèque*, París, Gallimard.
- GUARIGLIA, Guglielmo (1982): *Messico, le piramidi degli dei*, Milán, Mondadori.
- GUINEA BUENO, Mercedes (1991): *Los Andes antes de los Incas*, Akal Las Américas. Arqueología IV, Madrid, Akal.
- HÉBERT-STEVENS, François (1972): *l'art ancien de l'Amérique du Sud*, París, B. Artaud.
- HUGHES, Jil (1986): *Aztecs*, Londres, Hamish Hamilton.
- HURTADO RODRÍGUEZ, Luis (Comisario) (1996): *Tierras, hombres, dioses. La América de un tiempo lejano* (exposición), Sevilla, CajaSur Publicaciones.
- ICI (1980): *Arqueología costarricense*, Madrid, marzo-abril de 1980. Sala de Exposiciones del Instituto de Cooperación Iberoamericana (exposición).
- INCER, Jaime (1985): *Toponimias indígenas de Nicaragua*, San José de Costa Rica, Libro Libre.
- Istituto Italo-Latino Americano (1979): *Simposio Internazionale sulla medicina indigena e popolare dell'America Latina*, Roma, Pubblicazioni dell'IILA.
- JINTIA, Yámkuam' y Péas KANTASH' Ishtik (1991): *Achuar Matsátmau-Mundo Achuar*, Lima, Centro Amazónico de Antropología y Aplicación Práctica.

- KAUFFMANN DOIG, Federico (1969/1980): *Manual de arqueología peruana*, Lima, PEISA (7ª edición).
- KRICKBERG, Walter (1928/1980): *Mitos y leyendas de los aztecas, incas, mayas y muiscas*, México, Fondo de Cultura Económica.
- KRICKBERG, Walter, Hermann TRIMBORN, Werner MÜLLER y Otto ZERRIES (1961/1966): *Religioni dell'America precolombiana*, Milán, Il Saggiatore. Traducción del alemán a cargo de C. D. Caprino.
- LABBÉ, Armand J. (1986): *Colombia before Columbus. The People, Culture, and Ceramic Art of Prehispanic Colombia*, An American Foundation Book in Association with the Bowers Museum, Santa Ana, California, Nueva York, Rizzoli.
- LA FARGE, Henry A. (ed.) (1981): *Museums of the Andes*, Tokyo, Newsweek & Kodasha.
- LARCO HOYLE, Rafael (1975): *Perù. Enciclopedia Archeologica. Archeologia Mundi*. Traducción de M. Mishra, Roma, Ginebra, París, Múnich, Nagel.
- LARENAUDIÈRE, Messieu de y Frédéric LACROIX (1843): *Mexique et Guatemala*. Peru, París, Firmin Didot Frères.
- LATIMER, Dean y Jeff GOLDBERG (1981/1983): *Fiori nel sangue. Storia americana dell'oppio: dalle leggende antiche alle moderne scoperte scientifiche*, Roma, Cesco Ciapanna. Traductor: no consta.
- LEWIS, Brenda Ralph y Robert AYTON (s.f.): *Great Civilizations. The Aztecs*, Leicestershire, Ladybirds Books.
- LINDINGER, Harry C. y otros (1980/1982): *Les Royaumes Précolombiens*, Roma, Robert Laffont.
- LOMMEL, Andreas (ed.) (1977): *Altamerikanisch Kunst Mexico-Peru*, Múnich, Museo Nacional de Etnología (catálogo de la exposición).
- LOTHROP, S. K. (1964/1979): *Les trésors de l'Amérique précolombienne*, Ginebra, Flammarion. Traducción de Y. Rivière.
- LUCENA SALMORAL, Manuel (1989): *La América precolombina*, Madrid, Anaya (Biblioteca Básica de Historia).
- MAISONBLANCHE, Frédéric (1984/1985): *Oroscopo azteco*, Milán, Sugarco. Traducción al italiano del original francés a cargo de A. B. Conte, G. Bontempi y A. Dottore.
- MARKMAN, Roberta H. y Peter T. MARKMAN (1992/1994): *The Flayed God. The Mythology of Mesoamerica. Sacred Texts & Images from Pre-Columbian Mexico & Central America*, Nueva York, HarperCollins.
- MASON, J. Alden (1957/1961): *Las antiguas culturas del Perú*, México, Fondo de Cultura Económica. Trad. al español del original en inglés *The Ancient Civilizations of Peru*, a cargo de M. Villegas de Robles.
- MCINTYRE, Loren (1975): *The Incredible Incas and Their Timeless Land*, Washington, The National Geographic Society.
- MERTON, Thomas (1968/1979): *Isbi*, Barcelona, Pomaire. Trad. del inglés a cargo de M. I. Guastavino.

- MEYER, Karl E. (1973): *Teotihuacán, First City in the Americas*, Milán, Mondadori.
- MILLER, Mary Ellen (1986/1990): *The Art of Mesoamerica from Olmec to Aztec*, Londres, Thames and Hudson Ltd.
- (1986/1988): *L'arte della Mesoamerica. Olmechi-Maya-Aztechi*, Milán, Rusconi. Trad. al italiano de la obra *The Art of Mesoamerica*, a cargo de D. Schmid.
- MINELLI, Laura Laurencich (1984): *Antichi tessuti peruviani*, Milán, Electa.
- MONTI, Franco (1964): *Les arts primitifs*, Milán, Fabbri. Trad. de G. Michelson y C. de Lignac.
- (1966): *Terrecotte precolombiane*, Milán, Fratelli Fabbri.
- Musée Cernuschi* (1968): *Sports et jeux dans l'art précolombien du Mexique*, París, Presses Artistiques.
- Musée de L'Homme* (1987): *Ancien Pérou. Vie, Pouvoir et Mort* (Cinquantenaire), París, Nathan.
- NIETO, M. Á. & J. ORTIZ (1992): *La civilización inca. Los hijos del sol. Relatos del Nuevo Mundo*, Barcelona, Planeta-Agostini y Quinto Centenario.
- NOUGIER, Louis-René y Pierre JOUBERT (1981): *La Vie privée des Hommes aut Temps des Mayas, des Aztèques et des Incas*, París, Hachette.
- OSBORNE, Harold (1968/1983): *South American Mythology*, Library of the World's Myths and Legends, Feltham, Newnes Books.
- PIJOÁN, José (1958): *Summa Artis. Historia general del arte. Vol. X. Arte precolombiano mexicano y maya*, Madrid, Espasa-Calpe (3ª edición) (fotocopiado).
- Precolombart* (1999) nº 2. Boletín anual publicado por la Asociación de Amigos del Museo Barbier-Mueller de Arte Precolombino de Barcelona, Barcelona, Sintagma.
- PRESCOTT, William H. (1970/1980): *Il mondo degli Incas*, Ginebra, Minerva. Traducción al italiano de R. Fioretti y de G. Schmid (4ª edición).
- (1970/1989): *Il mondo degli Incas*, La Spezia, Fratelli Melita Editori.
- (1977/1987): *La conquista del Messico*, La Spezia, Club del Libro Fratelli Melita. Trad. al italiano del original inglés a cargo de M. P. T. Croce.
- PURIN, Sergio (ed.) (1992): *Inca Perù. Rito Magia Mistero*, Roma y Bruselas, Leonardo de Luca.
- RADIUS, Pietro, Nino LETO y Claudio RAGAINI (1991): *America, La riscoperta. Viaggio tra i popoli precolombina 500 anni dopo*, Milán, Edizioni Paoline.
- RAMOS GÓMEZ, Luis J. y María Concepción BLASCO BOSQUED (1980): *Los tejidos prehispanicos del área central andina en el Museo de América*, Madrid, Ministerio de Cultura.
- Revista del Museo Nacional de Lima* (1986-1987) Tomo XLVIII, Lima, (artículo de R. Cerrón Palomino sobre «La flexión de persona y número en el protoquechua», pp. 317-29)
- RIBERA, Lázaro de (1786-1794/1989): *Descrpciones exactas e historia fiel de los indios, animales y plantas de la provincia de Moxos en el Virreinato del Perú por Lázaro de Ribera, 1786-1794*, edición preparada por Mercedes Palau y Blanca Sáiz, Madrid, El Viso y Ministerio de Agricultura, Pesca y Alimentación.

- RIVA PALACIO, Vicente (1979): *México a través de los siglos*, México D. F., Cumbre.
- RODRÍGUEZ MARTÍNEZ, Jorge Enrique y Gregorio TOMÁS ROMÁN (1996): *Anotaciones acerca de la escultura agustiniana y aproximación a una lectura emblemática*, Santafé de Bogotá, Universidad de Bogotá Jorge Tadeo Lozano, Facultad de Arte.
- RODRÍGUEZ VEGA, Eugenio (1982): *Biografía de Costa Rica*, San José, Imprenta Nacional (3ª edición).
- ROJAS, Ricardo (1953): *Silabario de la decoración americana*, Buenos Aires, Losada.
- ROMÉ, Jesús R. y Lucienne ROMÉ (1978-1981): *La vie des Incas dans l'ancien Pérou*, Ginebra y Milán, Minerva y Garzanti.
- ROSS, Kurt (1978/1984): *Le Codex Mendoza. Manuscript Aztèque*, Friburgo, Liber.
- SALOMONE, Giorgio D. (1975): *10.000 anni di arte precolombina*, Milán, Antonio Cordani.
- SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Nicolás (1973/1977): *La población de América latina. Desde los tiempos precolombinos al año 2000*, Madrid, Alianza Editorial.
- SÁNCHEZ MONTAÑÉS, Emma (1989): *El Arte precolombino (y II)*, Madrid, Hª del Arte 22, Historia 16.
- SANZ TAPIA, Ángel (1996): *Culturas prehispánicas de Suramérica. Venezuela, Colombia, Ecuador y Perú*, Salamanca, Colección Fundación Cristóbal Gabarrón.
- SCHOBIGER, Juan (1994): *I primi americani*, Milán, Jaca Book.
- (1994): *Gli uomini del centro del mondo da Tiahuanaco all'Inca*, Milán, Jaca Book.
- (1994): *Il primo Impero delle Americhe: Chavín*, Milán, Jaca Book.
- (1994): *Olmechi e Maya*, Milán, Jaca Book.
- (1994): *La prima metropoli Teotihuacan*, Milán, Jaca Book.
- (1994): *I primi Indiani agricoltori*, Milán, Jaca Book.
- (1994): *Gli antichi abitanti delle Americhe*, Milán, Jaca Book.
- SMITH, Bradley (1968/1975): *Mexico. A History in Art*, Londres, Phaidon Press.
- SOISSON, Pierre y Janine SOISSON (1978/1982): *La vie des Aztèques dans l'ancien Mexique*, Ginebra, Minerva.
- SOLANILLA, Víctor (1992): *Col.leccions pre-colombines als museus de Catalunya*, Barcelona, Generalitat de Catalunya.
- SOLÍS, Antonio (1851): *Historia de la conquista de México. Población y progresos de la América septentrional, conocida por el nombre de Nueva España*, Madrid, Gaspar y Roig.
- SOUSTELLE, Jacques (1976): *Mexico: Enciclopedia Archeologica. Archeologia Mundi*, Roma, Ginebra, París, Múnich, Nagel.
- (1991/1994): *Gli Aztechi*, Roma, Tascabili Edizioni Newton. Traducción al italiano del original francés *Les Aztèques* a cargo de S. G. Columbu.
- STIERLIN, Henri (1983): *Nazca. la clé du mystère. Le déchiffrement d'une énigme archéologique*, París, Albin Michel.
- STUART, Georges E. y Gene S. STUART (1977): *The Mysterious Maya*, Washington, The National Geographic Society.
- STUART, Gene S. (1981): *The Mighty Aztecs*, Washington, The National Geographic Society.

- TENTORI, Tullio (1961): *La pittura precolombiana*, Milán, Società Editrice Libreria.
- TERENZI, Claudia y otros (1990): *I popoli del sole e della luna. Tesori d'arte dall'antico Perù*, Milán, Fabbri.
- THOMSON, J. Eric S. (1954/1970): *La civiltà maya*, Turín, Einaudi. Traducción al italiano de la obra *The Rise and Fall of Maya Civilisation*, The University of Oklahoma Press, a cargo de U. Tolomei.
- (1972/1980): *Maya Hieroglyphs without Tears*, Oxford, University Press y British Museum.
- TOMÁS ROMÁN, Gregorio (1976): *Cerámica y antropomorfismo en la Colombia indígena*. Tesis de grado para optar al título de Licenciado en filosofía y Letras, Universidad Católica de la Salle, Bogotá D.E. (2 ejemplares, original y fotocopia).
- TRIMBORN, Hermann (1960): *Le civiltà precolombiane*, Roma, Editrice Primato.
- VAILLANT, Georges C. (1941/1970): *La civiltà azteca*, Turín, Einaudi. Traducción al italiano de la obra inglesa *Aztecs of Mexico*, de E. Battisti.
- VÁZQUEZ, Mario y Jaime NUALART (1991): *Tessori del Messico. Le civiltà zapoteca e mixteca (1500 a. C.-1521 d. C.)*, Milán, Electa.
- VILLARET, Bernard (1978): *Arts anciens du Pérou*, Papeete, Tahití, Les éditions du Pacifique.
- Ville de Paris (1968): *Sports et Jeux dans l'Art Précolombien du Mexique*, París, Éditions Euros (catálogo de la exposición de marzo-mayo de 1968).
- VON HAGEN, Victor W. (1958/1978): *Gli Aztechi, Impero del Sole*, Roma, Newton.
- (1958/1977): *Civiltà e splendore degli Aztechi*, Roma, Newton Compton. Traducción al italiano del original inglés *The Aztec: Man and Tribe* a cargo de G. Stefanon.
- (1960/1977): *Il mondo dei Maya*, Roma, Newton Compton (3ª edición).
- (1961/1977): *Gli Incas, popolo del sole. Vita e storia, mito e leggende d'un antico impero visti con gli occhi d'un ragazzo inca*, Roma, Newton ragazzi.
- (1961/1977): *L'impero degli Incas. I tesori nascosti delle mitiche civiltà peruviane*, Roma, Newton Compton.
- (1962/1963): *Antichi Imperi del Sole*, Milán, Arnoldo Mondadori. Traducción al italiano del original inglés *The Ancient Sun Kingdoms of the Americas* a cargo de E. Capriolo.
- (1964/1978): *Gli imperi del deserto nel Perù precolombino. Archeologia, civiltà e riti sessuali*, Roma, Newton Compton.
- VON WUTHENAU, Alexander (1965/1969): *Terres cuites précolombines. L'image humaine du Nouveau Monde*, París, Albin Michel. Trad. de J. Legros.
- VV AA (1978): *Chefs-d'oeuvre inconnus du Venezuela*, París (17 de mayo/17 de julio de 1978).
- (1978/1982): *Les royaumes précolombiens*, París, Robert Laffont.
- (1979): *Museo del Jade*, (exp.), San José, Costa Rica, Instituto Nacional de Seguros.
- (1982): *Simbolo e tecnica nei tessuti dell'antico Peru*, Roma, De Luca.
- (1982): *I tesori della terra di Atahualpa. Ecuador dalla preistoria agli Inca, Venecia*, Centro di Cultura di Palazzo Grassi, Marsilio Editori.

- VV AA (1985): *La América precolombina*, Madrid, SARPE.
- (1985): *Art of Costa Rica. Pre-columbian Painted and Sculptured Ceramics from the Arthur M. Sackler Collections*, Washington DC, The Arthur M. Sackler Foundation.
- (1988): *L'arte del Messico prima di Colombo*, Milán, Olivetti.
- (1989): *Arte de la tierra. Culturas de Calima*, Bogotá, Colección Tesoros Precolombinos, Presencia.
- (1990): *Il mondo degli Aztechi*, La Spezia, Fratelli Melia Editori. Traducción al italiano del original francés a cargo de A. de Vincenzi.
- (1990): *Los mayas. El esplendor de una civilización*, Madrid, Turner, Quinto Centenario.
- (1990): *Arte precolombino de México*, Milán, Electa-Olivetti y Ministerio de Cultura de España (catálogo de exposición)
- (1991): *Costa Rica, su historia, tierras y gentes*, Barcelona, Océano.
- (1991): *Los incas y el Antiguo Perú* (exposición), Bruselas y Madrid (febrero-abril de 1991): II vol., Madrid, Sociedad Estatal Quinto Centenario.
- (1992): *Las ciudades de los incas*. Vol. 1: Arqueología de las ciudades perdidas, Barcelona, Salvat.
- (1995): *Magia, mentiras y maravillas de las Indias* (exposición), Huelva, Diputación Provincial de Huelva, Museo de América y Ministerio de Cultura.
- (1996): *Arte precolombino en la colección Barbier-Mueller*, Valladolid, Sociedad V Centenario del Tratado de Tordesillas, Junta de Castilla y León.
- (1999): *Vida y muerte. Arte funerario del Occidente de México*, Barcelona, La Caixa.
- W AISBARD, Simone (1980/1981): *La città degli dei e dei re. Chan Chan: la più antica dimora del Perù preincaico*, Milán, Sugarco. Traducción italiana del texto francés *Sous le masque d'or de Chan Chan. Le Pérou avant les Incas*, París, Robert Laffont, a cargo de S. D'Amico.
- W OOD, Marion (1990/1991): *L'Amérique Précolombienne*, París, Casterman. Traducción y adaptación al francés a cargo de A. Blot y de N. Blot.

Fecha de recepción: 31-03-2004

Fecha de aceptación: 21-05-2004